

Caderno de Resumos XVIII Colóquio Internacional Spinoza: “Natureza, Trabalho e Liberdade”

Domingo 03/12

Mesa 1 - 20:30 às 22:00

Nome: Cecilia Abdo Ferez

Título: Revisões sobre o corpo em B. Spinoza

Resumo: Nada isenta o corpo, agora celebrado pelas filosofias contemporâneas, de adotar o papel de agente classificatório que a pessoa e o humano tiveram. A ênfase em ter um corpo com certas características, expondo-o de certas maneiras, adaptando-o às mudanças dos padrões de saúde, erotismo ou vitalidade, pode transformar o corpo no novo critério diferenciador principal e anular todo o seu potencial crítico. O potencial crítico que ele possui, porque é inseparável daqueles que são mais desprezados na distribuição desigual dos atributos da pessoa e da humanidade - tais como mulheres, crianças, negros, pobres: por causa de sua filiação com o resto, a recusa, o acréscimo final aos critérios do humano e da pessoa. O potencial crítico que possui, porque parte dele não é traduzível em termos jurídicos contemporâneos. Será esta marginalidade do corpo correlativa a seu desprezo, em quase toda a história da filosofia? Que horizonte abre hoje seu reposicionamento?

Nome: Ericka Marie Itokazu

Título: Reflexões sobre a finitude em Espinosa

Resumo:

Nome: Manuela Filomena Ottaviani

Título: La Potenza del corpo dell'attore: Un dialogo tra l'antropologia teatrale di Eugenio Barba e l'Etica di Spinoza

Resumo: Questo rapporto esplora il dialogo tra due ambiti apparentemente distinti, l'antropologia teatrale di Eugenio Barba e l'Etica di Baruch Spinoza, per evidenziare le potenzialità del corpo dell'attore come veicolo di autenticità, intesa come liberazione attraverso l'espressione, la conoscenza e il controllo delle L'antropologia

teatrale di Barba promuove l'importanza del corpo nell'arte teatrale, attraverso l'esplorazione culturale e la collaborazione interculturale. Dall'altro lato, l'Etica di Spinoza sottolinea l'unità del corpo e della mente, il ruolo degli affetti e l'importanza dell'autenticità come risultato di ragionamenti razionali. comprensione della natura, conoscenza di sé e controllo emotivo. Questo dialogo rivela sorprendenti punti di convergenza tra i due approcci, evidenziando il ruolo cruciale del corpo come veicolo per esprimere affetti attivi e, quindi, idee potenti. Il controllo affettivo e l'equilibrio tra affetti di varia natura appaiono come elementi chiave di autenticità e felicità, sia nell'arte teatrale che nella vita quotidiana. Questa indagine interdisciplinare ci invita a esplorare le potenzialità del corpo dell'attore come strumento di espressione e come chiave per una vita autentica ed etica. Nel dialogo tra teatro e filosofia troviamo l'ispirazione per sfruttare il potenziale del nostro corpo come veicolo di espressione e come strumento per condurre una vita buona e felice.

Segunda-feira 04/12

Mesa 2 - 8:00 às 10:00

Nome: Bruno Henrique de Souza Soares

Título: Luz & Sombra ou a dupla cadeia discursiva da Ética I (De Deo)

Resumo: Vemos na obra magna, a *Ética Demonstrada em Ordem Geométrica*, a existência de um discurso duplo, por assim dizer, onde altera-se o registro da demonstração seguindo a via do segundo gênero do conhecimento, a Razão ou Noções Comuns, na qual as coisas propostas primeiro devem ser conhecidas sem a ajuda das seguintes, e as seguintes só demonstradas pelo que as precede, seus antecedentes, e outro, que enfrenta os obstáculos que a Imaginação interpõe à compreensão, num discurso aparentado com a retórica, mas que conserva uma remissão ao geométrico, embora, ao mesmo tempo, se preste a um intuito muito preciso: a polêmica. Interessa investigar uma hipótese de leitura de como os Escólios da Parte I surge preparam o Apêndice da Parte I como combate aos impedimentos de abraçar a concatenação das demonstrações desenvolvida na cadeia discursiva geométrica.

Nome: Cristiano Novaes de Rezende

Título: O dado e o trabalho: Espinosa e a arquitetura barroca

Resumo: A exposição procurará elucidar como certa noção de trabalho articula dois âmbitos do método de Espinosa (desenvolvido especialmente no TIE): de um lado,

os dados, dos quais unicamente pode o método partir, de outro, a evidência própria ao conhecimento adequado. Nessa articulação, a noção de "trabalho" será relacionada com as de "performance" e de "exercício", a noção de "dado" será relacionada com a de "história" (especialmente com a de história sincera no TTP) e a de "evidência" será aproximada à noção clássica de "enargeia", que exorbita a evidência de tipo matemático e consegue uma compreensão vivencial mais profunda e poderosa, cara, na modernidade, a uma "retórica do esclarecimento", na qual se integram linguagem, experiência, raciocínio e intuição.

Nome: Iago Orlandi Gazola

Título: A relação entre intuição e razão na estrutura da primeira parte da Ética

Resumo: Ao comparar as recomendações de Espinosa de orientar-se pela ideia do Ente perfeitíssimo no Tratado da emenda do intelecto e a estrutura da primeira parte da Ética, notamos certa discrepância. Se, no primeiro, Espinosa dá a entender que a ideia de Deus é a primeira na investigação da Natureza; na segunda, no De Deo, a entrada em cena da noção de Deus demora a acontecer. Isso nos poderia levar a concluir que se trata somente de uma incongruência entre as duas obras. Mas pensamos ser possível defender a harmonia entre elas a respeito desse tema, encontrando na relação entre os gêneros de conhecimento – modos de percepção no Tratado da emenda do intelecto – a chave para compreender o que a primeira parte da Ética adiciona às prescrições dadas por Espinosa sobre o orientar-se pela ideia de Deus, que se estabelece somente na décima primeira proposição.

Mesa 3 - 10:30 às 12:00

Nome: Dani Barki Minkovicius

Título: Notas sobre a eternidade na Ética V de Espinosa

Resumo: Quando o leitor da Ética de Espinosa alcança o movimento final da quinta e última parte da obra, algo de surpreendente parece se evidenciar com a afirmação de que sob algum aspecto nós, humanos, somos eternos. A surpresa parece emergir da contraposição que nós, modos da substância, teríamos com a substância ela mesma: ao longo de todo o percurso da Ética, principalmente considerando suas primeiras duas partes, ficou-se claro que a eternidade dizia respeito à substância, e aos modos cabia a duração. Pretendemos discorrer brevemente e de modo apenas indicativo sobre essa surpresa final da Ética de Espinosa: o que haveria de surpreende na afirmação de que nós somos eternos, o que propriamente isso viria a significar, e porque isso não só não é contraditório com

o que foi dito anteriormente nas partes iniciais da Ética como também, e principalmente, a importância decisiva disso para a conclusão da Ética V.

Nome: Henrique Souza Bittencourt

Título: O que constitui o problema em "Espinosa e o problema da Expressão"?

Resumo: Em pesquisa de mestrado recente sobre o que é a história da filosofia para Deleuze e os procedimentos interpretativos próprios a essa concepção, em especial na obra "Espinosa e o problema da expressão", chegou-se ao resultado de que o procedimento interpretativo deleuziano caracteriza-se pela mobilização do conceito de imagem do pensamento e de problema. Nesta apresentação, o objetivo é fazer apontamentos sobre como o conceito de problema orienta e organiza a interpretação deleuziana sobre a filosofia de Baruch de Espinosa. Em suma, na filosofia deleuziana, o conceito de problema abrange tanto a dimensão da estrutura quanto da gênese de um pensamento filosófico. No que concerne à obra "Espinosa e o problema da expressão", sustentamos que a mobilização desse conceito é um dos fatores que fazem com que Deleuze se insira no movimento do pensamento espinosano, ao mesmo tempo que lhe imprime uma determinada inflexão, uma determinada variação.

Nome: Maria Luiza Lima Seabra

Título: Univocidade do Ser e imanência na interpretação deleuziana de Espinosa

Resumo: A discussão em torno da univocidade do ser é um dos temas centrais de *Espinosa e o Problema da Expressão*. Deleuze atribui a Espinosa a tese segundo a qual o ser é dito em um só sentido, seja em Deus e nas criaturas, na substância e nos modos. Essa proposição está intimamente ligada a outros temas centrais de seu comentário a Espinosa, já que essa mesma univocidade permite pensar a relação entre substância e modos no quadro da imanência e da expressão. O termo "univocidade do ser", entretanto, não tem sua origem na literatura espinosana, mas remonta ao pensamento de Duns Scotus. Deleuze considera não haver evidências de uma influência direta de Scotus em Espinosa e parece se contentar com a hipótese de que Espinosa provavelmente conhecia a teoria da univocidade do ser por meio de manuais metafísicos e lógicos de sua época. Não havendo menção explícita ao tema da univocidade na própria obra de Espinosa, nem evidências suficientes para legitimar uma filiação entre o pensamento de Espinosa e o de Scotus, põe-se uma questão metodológica: por que fazer uso de um conceito adventício para explicar o pensamento espinosano a respeito do ser? Qual é a validade desse procedimento aplicado a um tema que ocupa um lugar central em *Espinosa e o Problema da Expressão*? Considerando o papel do conceito de univocidade nessa obra, parece-nos que o uso da univocidade do ser visa a afastar duas outras possibilidades interpretativas: a da analogia e a da eminência. Se ela se opõe, por um lado, à

tese tomista da analogia do ser, cumpre notar, por outro lado, que ela se distingue também da eminência do ser, atribuída aos neoplatônicos. Quanto a este último aspecto, é de grande importância para a interpretação deleuziana a distinção entre a emanção neo-platônica e a imanência espinosana. Mas ainda é possível aprofundar este debate a partir da própria filosofia de Deleuze, sobretudo considerando sua tese principal de doutorado, *Diferença e Repetição*, escrita concomitantemente a *Espinosa e o Problema da Expressão*, sua tese secundária. Posicionando esta interpretação de Espinosa à luz do empreendimento deleuziano de fundar uma filosofia da diferença, torna-se mais compreensível a insistência sobre o tema da univocidade, já que este é fundamental para um pensamento autêntico da diferença. Como afirma Deleuze em *Diferença e Repetição*, “o essencial da univocidade não é que o Ser se diga num único sentido. É que ele se diga num único sentido de todas as suas diferenças individuantes ou modalidades intrínsecas” (1988, p.75). A univocidade implica não haver hierarquia entre os seres, a substância estando igualmente presente em todos os seus modos. Onde não há hierarquia entre os seres, onde não há ser “primeiro” e “segundo”, não há transcendência. Ela fundamenta, portanto, uma ontologia absolutamente imanente e positiva. E, mais importante, ela permite pensar as diferenças em seus modos de distribuição “nômade” e “anárquico”.

Mesa 4 - 14:00 às 16:00

Nome: Felipe Bellei Cordeiro

Título: A medicina do ânimo na Ética de Espinosa

Resumo: A proposta é explorarmos a singular pertinência da Ética de Espinosa no interior da tradição da medicina do ânimo. Essa tradição nos remete aos princípios hipocráticos e seus métodos de investigação e cuidado do homem, de seu corpo e seu princípio vital (respiração, psyche, alma, anima), e cujas marcas metodológicas se mantêm no interior da tradição filosófica. Um momento de destaque dessa articulação, de importante interlocução para Espinosa, é a obra *Tusculanas* de Cícero, que identifica ambas as artes: "Animi medicina, philosophia". Faremos um esboço de como a transmissão dos conceitos operativos hipocráticos (homem na natureza, saúde, doença, diagnóstico, prognóstico, terapêutica, remédio, etc) pode ser reconhecida na Ética de Espinosa.

Nome: Gabriel Frizzarin de Souza

Título: O modelo de natureza humana na filosofia de Espinosa.

Resumo: O conceito de modelo de natureza humana situa-se na filosofia espinosana atravessado por uma tensão: por um lado, tudo leva a crer que tal conceito não possui fundamentação devido à relatividade das noções de bem e de mal, à crítica aos universais abstratos, à ênfase na dedução das essências singulares e à crítica ao finalismo; por outro lado, a noção de modelo é reabilitada na *Ética IV* e serve de eixo não só para determinar o que há de bom e de mau nos afetos, como também os “bens verdadeiros” e a “natureza humana mais perfeita” de que fala o próêmio do TIE. Com o intuito de oferecer uma posição acerca da formulação paradoxal desse conceito, apresentaremos um estudo comparativo sobre o modelo de natureza humana no TIE, no KV e na *Ética* e buscaremos estabelecer continuidades e rupturas para identificar o conjunto de ideias diretrizes que o caracterizam.

Nome: Ravena Olinda Teixeira

Título: Humildade e soberba na filosofia espinosana: uma filosofia de soberbos?

Resumo: A religião cristã acredita que Deus é um ser transcendente que julga e condena as nossas ações e sentimentos e que os homens, criações divina, herdaram de Deus o poder de agir livremente de acordo com a própria vontade. A partir disso, a igreja, que supostamente é o intermédio entre Deus e os homens, nos ensina que existe um conjunto de valores que devemos seguir para que possamos ser pessoas melhores aos olhos de Deus e assim alcançar a Sua misericórdia e bondade. De acordo com os ensinamentos religiosos, a humildade é a virtude de ter consciência das próprias limitações e agir com virtude é agir em conformidade com o bem, com aquilo que é moralmente correto. O contrário da virtude é o vício e a soberba seria o vício causado pelo sentimento de altivez. Nosso texto vai abordar o que Espinosa escreveu sobre humildade e soberba na *Ética*, especificamente na terceira parte (*A origem e a natureza dos afetos*) e na quarta parte (*A servidão humana ou a das Forças dos Afetos*), mas para isso falaremos também sobre os conceitos de esforço, virtude e liberdade. As definições de humildade e de soberba dadas por Espinosa na *Ética* são diferentes daquilo que somos ensinados a acreditar. Para Espinosa, a humildade não pode ser considerada uma virtude, ela é justamente o oposto disso. Ao contrário da igreja cristã, nosso filósofo afirma que a humildade deve ser coagida, pois se trata de uma tristeza que se origina quando o homem contempla sua própria debilidade e a soberba, por sua vez, é uma alegria que se origina do amor próprio. A partir disso, podemos dizer que Espinosa critica a humildade e faz um elogio à soberba?

Nome: Wilder Silva de Almeida

Título: O “tempo” em Espinosa e Koselleck

Resumo: A comunicação pretende analisar como o conceito “tempo” foi considerado na história moderna, segundo o filósofo B. Espinosa (1632–1677), e na contemporaneidade, segundo o historiador R. Koselleck (1923–2006). Para isso, o mote do debate se circunscreve ao problema da existência ou não existência do tempo, seus sentidos e modos possíveis de análise em cada um dos autores. Longe de propor um debate exaustivo e profundo entre os dois autores, o que se pretende aqui é realizar uma reflexão introdutória sobre a diferença entre as possibilidades e modos de operar o “tempo”.

Ao articularem o conceito de tempo, cada um dos autores nos possibilita delinear um movimento de tensão que ultrapassa universo dessas duas filosofias distintas: o pensamento da imanência e o pensamento da transcendência, a partir das quais compreendem o “tempo”.

Partindo da filosofia da imanência de Espinosa encontramos uma concepção de tempo físico não substantivo; o tempo opera como uma métrica para a experiência, isto é, um auxiliar (ou um auxílio) da imaginação para a compreensão do movimento dos/nos eventos na Natureza (conforme se depreende da Carta 12). Esta discussão se refere a um dos temas centrais da *Ética* II: a relação entre o “imaginar” e o “entender” que se desdobra até a parte final da *Ética*.

Em oposição a esta concepção, e na esteira conceitual transcendental sobre o “tempo”, Koselleck propõe no livro *Futuro Passado* (2006) a noção de “tempo histórico” como categoria moderna substantiva que reúne as inúmeras e diferentes experiências históricas em estruturas formais de longo prazo.

O objetivo deste trabalho é, portanto, apontar para a atualidade de um latente, tenso e necessário debate acerca da possibilidade de existência ou não do tempo que, inevitavelmente, atravessa perspectivas em diferentes áreas do conhecimento sempre quando operam o conceito e ou os seus diferentes significados possíveis na história da filosofia.

Mesa 5 - 16:30 às 17:30

Nome: Leda Lucia Garcia Rosa Rebello

Título: Ressonâncias Spinozistas na Clínica Psi-corporal

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar as possíveis ressonâncias entre a filosofia de Spinoza e as psicoterapias corporais, numa perspectiva transdisciplinar. Ao afirmar o corpo como unidade funcional, lugar de entrecruzamento de forças pulsionais, biológicas, sociais e psíquicas e portanto indissociáveis, Reich, na condição de precursor das abordagens corporais pode se aproximar da concepção spinozana de corpo e mente. A concepção afirmativa de vida e a potencialização e perseverança na existência, assim como a recusa de um mal em essência, podem nos conduzir a aproximações, numa clínica que conduza a nos distanciarmos das intoxicações e envenenamentos dos maus encontros, afetos

tristes e despotencializadores que nos apartam da construção de novos modos de existência em direção a uma singularidade.

Nome: MARIANNA ARAUJO DA SILVA

Título: Diálogo entre a Psicologia do Trabalho e a Filosofia Spinozista: ferramentas para operar saúde.

Resumo: O objetivo desse trabalho é apresentar como o diálogo entre a filosofia spinozista com a psicologia do trabalho contribui para a construção de ferramentas para operar saúde. Antes de trazermos alguns apontamentos desse diálogo, é preciso situar de que saúde e de que trabalho estamos falando. Compreendemos saúde, a partir de Canguilhem (2009), como produção de novos mundos, novos modos de ser, estar e realizar nessa vida em que não há uma oposição entre saúde e doença, mas que são processos inerentes a existência. E por trabalho, concebemos-o como atividade dirigida, destacando seu caráter processual, polifônico e afetivo e assim, como meio de desenvolvimento de recursos para ação (Conceição, 2023). O que queremos dizer é que, em diálogo com a clínica da atividade (Clot, 2010) apostamos no trabalho como operador de saúde, como meio pelo qual podemos produzir modos de ser no mundo. E aqui nos encontramos com Spinoza, no sentido de que é em relação com o outro, nos dispendo de diferentes encontros que podemos expandir nossa potência no mundo. E ela é ainda maior quando junto com o outro. Spinoza (2014) afirma que quantos mais afetamos e nos deixamos afetar com outros corpos, maior será nossa potência. A partir dessa perspectiva, apostamos numa psicologia do trabalho que intervém no trabalho, no sentido de potencializar o caráter processual e desenvolvimentista do trabalho na criação de recursos para agir. Dessa maneira, fiamos com a perspectiva teórico-metodológica da clínica da atividade que aposta na criação de um dispositivo que provoque um deslocamento no trabalhador em que ele passa a ser observador e analista do seu próprio trabalho. Outra dimensão desse dispositivo é que ele deva provocar um diálogo entre os trabalhadores sobre o próprio trabalho. Propõe, também, que a análise seja realizada diversas vezes para que haja uma ampliação do diálogo por meio de um suporte mediador dessa análise. É preciso forjar um dispositivo que desloque o trabalhador e que coloque o trabalho em debate de modo a produzir diferentes reflexões sobre o vivido, visando a proporcionar novas ações e a ampliação das possibilidades de desenvolvimento da atividade. Ao provocar uma revisitação ou uma visita as ações habituais no cotidiano do trabalho em um novo contexto endereçado a novos destinatários, cria-se um outro olhar sobre a atividade de trabalho. Em diálogo com Spinoza, na proposição XXXIX da Ética V, ao afirmar que quanto mais um corpo é capaz de fazer muitas coisas, mais forte e potente é esse corpo. Compreendemos que na metodologia da clínica da atividade, utilizamos de instrumentos que visam mobilizar a atividade, em busca de desenvolver as potencialidades dos corpos. Nos diálogos empreendidos na análise da atividade

diversos enfrentamentos e conflitos, nos gestos realizados, nas escolhas feitas para agir, nas experiências vividas criam-se recursos para a ação. Spinoza (2014) amplia essa ideia ao afirmar que, ao perceber que, na união de forças, os homens podem evitar os perigos que os ameaçam por toda parte, se forma a multidão, ou seja, é no diálogo, no compartilhar que criamos soluções em que não se havia pensado antes. E que o homem encontra maior utilidade se reunir suas forças, descobrindo vantagens na vida social e política. Ao compartilhar da postura ético-política dessa perspectiva, forjamos em nosso trabalho enquanto analistas do trabalho diversos dispositivos metodológicos como autoconfrontação cruzada (Clot, 2010), instrução ao sócio (Oddone, 2015), oficina de fotos (Osorio, 2008), supervisão coletiva (Andrade, 2014) entre outros. O primordial é isso ser possibilitado/facilitado pelas rodas, pela horizontalização, pelo diálogo com a finalidade de desenvolver a multidão do coletivo, aumentando a potência do coletivo de trabalho bem como dos trabalhadores.

Mesa 6 - 18:00 às 19:00

Nome: ALEJANDRA PADILLA GÓMEZ

Título: El cuerpo y el ejercicio de lo sensible. Diálogos clínicos entre la danza contemporánea y la filosofía de Baruch Spinoza

Resumo: Articulando los campos de la danza contemporánea, la Educación Somática, la filosofía de Baruch Spinoza y la clínica, formulo una lectura spinozista de una expresión muy utilizada en la danza contemporánea: la de cuerpo sensible. Esta puede ser interpretada bajo la lectura del cuerpo intensivo en Spinoza. Para justificar esta correspondencia abordaré las características de los cuerpos en Spinoza, la relación entre los atributos extensión y pensamiento (el cuerpo y su idea), su teoría de los afectos y su relación con el conocimiento, que nos conduce a su peculiar entendimiento de la razón, como régimen afectivo activo. Expondré algunas críticas a la hegemonía de la conciencia en la Educación Somática, la cual sugiero comprender a través del entendimiento en la filosofía de Spinoza. Desarrollaré algunas hipótesis sobre los estados disociados, no como escisión entre la mente y el cuerpo sino como disminución de la potencia de ambos.

Nome: Victor Hugo Braga Farias

Título: A morte na Ética de Espinosa: o papel do conceito de morte em uma filosofia da afirmação

Resumo: Segundo Baruch de Espinosa, com base na "Pequena física", trecho da Ética, a morte se caracteriza pela decomposição das partes de um corpo por um corpo externo, de maneira que a proporção de movimento de suas partes é alterada; partes que compunham um corpo passam a se compor com outros corpos. Tal concepção de morte compreende que ela nunca vem de dentro do próprio corpo, que sempre busca perseverar na existência. Com base em sua célebre teoria dos afetos, o filósofo considera a morte como perda de potência. Visando a valorizar o aumento de potência e a composição a todo momento, a filosofia espinosana se caracteriza pela afirmação, o que culmina na teoria de que o mal, ou a negação, não é nada. Essa filosofia da afirmação suscita diversos questionamentos a respeito do papel da morte, bem como sobre a abordagem lateral que Espinosa lhe confere em sua obra.

Mesa 7 - 20:30 às 22:00

Nome: Diego Tatián

Título: Libertad como liberación. Notas sobre Spinoza y América Latina

Resumo: Parte de un estudio más extenso, en el presente trabajo se considera al spinozismo como "línea de reflexión" y como "campo de trabajo" donde obtener una conceptualidad filosófica que contribuya a abrir el mundo social y comprender la condición política de los países latinoamericanos, sus nuevas subjetividades, el estatuto de los movimientos sociales y del Estado. Así como también la irrupción de formas de dominación desconocidas, las posibilidades emancipatorias contra ellas y la amenaza de la forma de vida democrática por modos de concentración y monopolización del poder que reducen a la irrelevancia instituciones fundamentales. Entre ellas, la libertad de expresión (conquista siempre provisoria de proveniencia liberal) y la igualdad de posibilidades de acceso a las condiciones materiales que permiten la producción de significados e ideas políticas (cuya proveniencia remite más a la tradición democrática), bajo el presupuesto de que la primera es inexistente sin la segunda. La actualidad de Spinoza estriba en la potencia de su pensamiento político para poner en obra la tarea que procura afrontar la inteligibilidad de nuestra historia. ¿Cuál es la contribución de la teoría spinozista de la democracia para una política posible en sociedades de masas que Spinoza no llegó a conocer? ¿Cuál la relevancia del pensamiento político spinozista para la construcción democrática latinoamericana? Según se propone a continuación, algunos de sus conceptos políticos fundamentales permiten abordar la comprensión de dinámicas sociales actuales de una manera particularmente fecunda, sea para un trabajo de la crítica como para un constructivismo de composiciones sociales basadas en un régimen de afectos alternativo al de la dominación (económica,

social, sexual, cultural...) de unos seres humanos por otros. La filosofía de los afectos desarrollada por Spinoza provee, en efecto, de instrumentos teóricos pertinentes para una investigación social que se orienta por la pregunta relativa a la transformación y a la persistencia de las formas imperantes, en particular del capitalismo en su deriva neoliberal. El presente trabajo se propone hallar allí una contribución filosófica a la reflexión democrática en América Latina, y un relevamiento de conceptos provenientes de la filosofía política -desarrollados particularmente por algunas perspectivas de spinozismo contemporáneo-, fecundos para una comprensión de fenómenos que a la vez radicalizan y amenazan las derivas democráticas de la región. Para ello, se presupone la necesidad de producir una alianza entre las ciencias sociales y la filosofía, capaz de producir instrumentos teóricos y conceptuales de una potencia heurística de las que ambas disciplinas por separado carecerían. El desarrollo de este itinerario se vale tanto de algunos trabajos clásicos del spinozismo contemporáneo, como de contribuciones recientes realizadas por investigadoras e investigadores de la filosofía spinozista en América Latina. Sin ninguna pretensión de exhaustividad ni de conclusividad, se considerará a esta filosofía y sus interpretaciones como una cantera de ideas y conceptos donde hallar algunas claves para la comprensión de nuestras encrucijadas políticas.

Nome: Marilena de Souza Chaui

Título: Ser parte da Natureza

Resumo: A comunicação tratará da condição humana como parte da natureza.

Terça-feira 05/12

Mesa 8 - 8:00 às 10:00

Nome: José Soares das Chagas

Título: A CRISTOLOGIA NÃO TEOLÓGICA NA FILOSOFIA DE SPINOZA

Resumo: No Tratado Teológico-Político (TTP) aparecem muitas passagens em que a figura de Jesus é apresentada de uma maneira destacada em relação ao restante dos outros modos da Natureza. Colocado em relação com a tradição judaica de Moisés, é mencionada sua superioridade pelo fato de que, enquanto o fundador do judaísmo conheceu Deus “face à face”, Jesus O conheceu “mente à mente”. Além do mais, diz-se que ele é a própria sabedoria encarnada. Neste sentido, pretende-se entender o significado do lugar desta personagem enigmática no interior do

pensamento de Spinoza, ou seja, apresentar como conceitos de uma cristologia (salvação, encarnação, eternidade) assumem um caráter não teológico no pensamento do pensador holandês e se tornam uma ética

Nome: Fátima Maria Araújo Bertini

Título: A saudade como afeto do território: entre a tristeza e a flutuação de ânimo

Resumo: O trabalho com o afeto da saudade realiza-se em um projeto de extensão na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), chamado Projeto de Extensão Clínica da Saudade, coordenado por mim. Sendo uma Universidade Federal, Pública e Internacional, localizada no interior do Ceará, que recebe estudantes brasileiros e estrangeiros (estes provenientes dos países lusófonos da África, além de Portugal e Timor-Leste), identifiquei de forma muito recorrente a saudade entre os estudantes. Nesse trabalho, pretende-se refletir sobre a saudade como afeto do território (Corpo) ou da sua ausência, percebendo-a como tristeza (Ética, Escólios das P 36 e 39, na D 32 e Explicação dessa Definição). No entanto, coloca-se a discussão também que a saudade é um afeto que vai da tristeza à flutuação de ânimo, conceituado por Espinosa em EIII, 17, Escólio e P14, EIII, Demonstração. Essa questão coloca-se a partir do que percebi sobre a saudade na perspectiva africana.

Nome: Patricia Barreto Mainardi Maeso

Título: Uma lente só lâmina: aproximações entre João Cabral e Espinosa

Resumo: A obra de Espinosa apresenta características formais bastante evidentes, em proposições e definições claras, referência a enunciados anteriores e grande objetividade, em esquemas e demonstrações. A isso, autores como Machado de Assis e Jorge Luis Borges aludem em poemas escritos sobre o filósofo como uma ideia do trabalho de lançar luz sobre o real. A tal representação poética queremos aproximar a perspectiva de faca, de geometria e precisão na expressão da poesia de João Cabral de Melo Neto, que refuta a subjetividade e a representação pessoal, e refletir sobre como a poesia e a filosofia convergem em termos de objetividade: se as demonstrações da obra espinosana são explicitadas de forma cristalina, a obra cabralina (obras no sentido tanto de construção como de elaboração conceitual sobre o mundo) se erige com precisão de lâmina. Lente e faca que, formalmente e conceitualmente, decompõem o real por meio do trabalho com a palavra.

Nome: Yonah Akerman Zimmerman

Título: Espinosa e o pensamento judaico

Resumo: Na *Ética I*, há uma demonstração geométrica da imanência divina, através da teoria da causalidade substancial, isto é, a Substância como causa eficiente imanente da realidade, ao passo que dela participa. Apesar de que desde o século XVII, uma tradição acusaria a mereologia de Espinosa de puro e simples panteísmo, a participação divina espinosana se aproximaria mais às tradições cabalísticas de emanações do Ein-Sof em singularidades. Com isso, poderíamos dizer que a teoria da participação espinosana se assemelha ao hilomorfismo mais de uma forma modal e procedimental, do que de uma forma a-histórica pré-existente. Basicamente, a ideia de que a essência e a existência de D'us são idênticas em Espinosa (E1 P20) deriva do pensamento judaico, conforme Wolfson. Mas isso implicaria em uma correlação entre o Ein-Sof da Cabala e a Substância em Espinosa? Isso também implicaria em uma cosmogênese semelhante em ambos os sistemas?

Mesa 9 - 10:30 às 12:00

Nome: BARBARA LUCCHESI RAMACCIOTTI

Título: Formação para a Liberdade: diálogo entre Espinosa, Paulo Freire e Bell Hooks

Resumo: O ideal de formação que perpassa a história da filosofia ocidental, desde a *paidéia* grega até o ideal moderno de educação, tem como um dos elementos basilares a noção de liberdade. Se formar visando à liberdade é um certo consenso para as diversas perspectivas filosóficas, o que é a liberdade e como formar indivíduos livres, estes temas são objeto de muitas controvérsias. A presente pesquisa tem por objetivos: 1) examinar a concepção espinosana de liberdade como um dos principais conceitos que estrutura o contra-discurso arquitetado na *Ética*, pois este rompe com a noção hegemônica de vontade livre (um dos maiores preconceitos) como império da razão cindida da natureza, do corpo e das paixões, chave da longa tradição da metafísica da transcendência, que remonta à filosofia grega e chega à modernidade com o dualismo substancial cartesiano; 2º examinar a concepção de liberdade apresentada por Paulo Freire no livro: *Educação como prática da liberdade* (1967), como chave para compreender sua concepção de educação como formação de sujeitos críticos, ativos e livres capazes de construir uma sociedade mais justa e igualitária em contraponto à concepção dominante de educação alienada e bancária característica de sociedades colonizadas como o Brasil, onde as desigualdades são abismais e governos autoritários visam a manutenção do status quo pela exclusão das massas analfabetas da educação

formal (na época mais de 50% da população era analfabeta); 3º analisar a proposta de educação para a liberdade de bell hooks no livro *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*, inspirada em pedagogias anticolonialistas, como a de Paulo Freire, feministas e antirracistas, a qual visa questionar e desconstruir os discursos e pedagogias hegemônicos, visando à construção de uma práxis pedagógica engajada, ativa e transgressora da realidade social opressora: racista, sexista, patriarcal e capitalista. Partimos da hipótese segundo a qual as três concepções se aproximam de uma ideia de práxis da liberdade, pois os três autores concebem a liberdade como exercício da potência do pensamento ativo, crítico, questionador e transgressor, o qual se manifesta como um contra-discurso. Tal práxis da liberdade fundamenta discursos contra-hegemônicos capazes de educar, formar e mobilizar interlocutores, que passam a compreender e questionar as causas da opressão vivida, transformando servidão, alienação e passividade, em liberdade, conscientização e atividade crítica e transformadora.

Nome: Gilmara Coutinho Pereira

Título: Liberdade e Democracia: uma via de mão dupla

Resumo: A partir das obras de Espinosa *Ética* e *Tratado Político* (ambas publicadas postumamente em 1677, e que se complementam), objetiva-se relacionar a ideia de Liberdade e Democracia em sua filosofia. Liberdade, esta “palavra que o sonho humano alimenta”, se liga diretamente à ideia espinosista de beatitude, ou seja, daquele estado de alegrias ativas, que aumentam nossa potência de ser e nos conduzem à eternidade. Ser livre é ter entendimento acerca das paixões, que são necessárias, e não o esforço inútil de evitá-las. Mais ainda, é alimentar as paixões que aumentam a potência de existir. Ainda que a liberdade possa ser definida como o amor intelectual a Deus, passa também por nossas relações em sociedade. Enquanto temos na *Ética* uma apresentação de sua teoria dos afetos, é no *Tratado Político* que Espinosa faz um exame dos regimes políticos – Monarquia, Aristocracia e Democracia – que podem reger um Estado. Sendo no capítulo XI, inconcluso, que se dedica especificamente ao estado democrático. Segundo Espinosa, os afetos não podem ser desprezados quando se busca compreender o que é o ser humano, seu convívio em sociedade, sua relação com o mundo. Muito embora em alguns momentos pareça descartar a ideia de liberdade humana, é possível identificar a defesa de um tipo de liberdade ligada à consciência, ou melhor, ao conhecimento. A razão é capaz de conduzir o homem à liberdade ao ser usada na deliberação das afecções a serem afirmadas. Nisso surge o conceito de *Conatus* em sua filosofia – uma afirmação consciente do ser que o faz perseverar; enfim, expressão de vida. Razão (conhecimento) e liberdade (autodeterminação) são as chaves para que o homem consiga controlar suas paixões. Espinosa constrói uma teoria geral do espírito e dos afetos, que culminará na passagem da servidão à liberdade. Para ele, a liberdade está ligada ao poder da mente, à capacidade de

conhecimento e ao uso que fazemos dela. Trata-se, portanto, de uma filosofia que se orienta no sentido da libertação humana. No que diz respeito à atividade intelectual, há, segundo Espinosa, três graus de conhecimento: um primeiro referente à imaginação e à opinião, importantes em seu aspecto prático, mas que, por se limitarem aos dados sensoriais e às imagens, não são confiáveis; um segundo denominado racional, derivado da ciência; e um terceiro considerado intuitivo – sendo este terceiro grau o mais elevado e, assim, o que mais aproxima da saída de um estado de servidão. A liberdade humana consiste, pois, no uso do terceiro gênero de conhecimento e na afirmação da potência da alma, ou seja, da conservação do ser. Procurar o que é útil está diretamente ligado à conservação do ser, e é, por conseguinte, sinal de virtude: buscar o que seja melhor para a vida em comum, em sociedade. Nesse contexto, a felicidade torna-se possível não só ao indivíduo, mas também à comunidade. Felicidade não como alvo extrínseco, mas como inerente ao próprio uso adequado da razão. Enseja-se assim demonstrar como a filosofia dos afetos de Espinosa é uma filosofia afirmadora da existência, que pode fundamentar um olhar mais voltado para a complexidade da existência humana, com a presença dos afetos e como esses estão ligados e são condições para o bem viver, desde que se afirmem aqueles potencializadores da existência. Ou seja, deve ser um esforço natural prezar pela conservação da existência e isto se dará com o uso adequado da razão na administração dos afetos. Por isso, pretende-se demonstrar que, apesar da afirmação da potência ser uma atividade individual, é a Democracia o caminho para a potência comum, soma das várias potências individuais – potência da multidão.

Nome: JOSE EXEQUIEL BASINI RODRIGUEZ

Título: A antropologia da descomposição/composição de Spinoza e seu aporte ético nas relações societárias e políticas no mundo contemporâneo

Resumo: Este texto reflexiona sobre la construcción de una antropología de la descomposición delineada por Spinoza a partir de una crítica a los valores considerados trascendentes en sentido político y religioso. Spinoza, denuncia todas las falsificaciones de la vida que nominamos de valores, las condiciones e ilusiones de nuestra consciencia. En otras palabras, aquellas que sirven para despreciar la vida mediante una apariencia de vida. Asimismo, el pensador desenvuelve una filosofía de la vida o de la composición desde una perspectiva ética, como una etología que incluye diferentes formas de vida y singularidades llevando en consideración la noción de afección, en el sentido que lo que me afecta, me interesa, y me transforma en un ser mejor; me vincula a la propia naturaleza dentro de un plano inmanente. Spinoza es un pensador moderno, pero con la diferencia de evidenciar en sus escritos un programa y un plan que va más allá de una antropología filosófica descentralizadora. En otras palabras, su programa se caracteriza por unir la vida bajo el signo de la inmanencia y así localizarse en un

espacio para-antropológico que deviene en una perspectiva amplia de la vida, de la naturaleza de la vida. ¿Por qué una ética es una etología? Intentamos responder a este aspecto clave de la obra de Spinoza apoyados en el propio autor y sus comentaristas. En este sentido responderemos que ello se debe al hecho de que se trata de afectos entre distintas especies, y el afecto compone, aproxima a los asociados, estableciendo lazos particulares. La etiología nos conduce a una reflexión sobre la composición. Ahora bien, componer no es lo mismo que capturar o utilizar, sino crear sociedades y comunidades, persistir y perfeccionarnos colectivamente a lo largo de la vida. También de componer individuos para formar un individuo superior al infinito. Preguntas tales como un ser puede atraer a otro a su mundo, aún respetándolo, están en orden de las inquietantes preguntas que rompen con los procesos civilizatorios y de domesticación de las especies. Esta es la gran diferencia con la composición de la dialéctica hegeliana. Ya una antropología de la descomposición como pensamiento negativo advierte fundamentalmente de un desvío posible sobre las formas axiológicas recurrentes, modelizadas por prácticas humanistas. La descomposición que realiza Spinoza es relativa a la crítica efectuada sobre una dimensión humanista que justifica cierto tipo de prerrogativas para ocupar el lugar del Otro. La finalidad se presenta como un deseo de resolver “el problema del Otro” sobre la base de las “buenas intenciones” y la empatía -como un tipo de cliché-, pero incapaz de evitar el desvío de la voluntad y potencialidad ajena, de su propia singularidad. En definitiva, este movimiento concluye con la usurpación del espacio alterno y la deuda originada en un tipo de reconocimiento depositado en el poder de una autoridad. Spinoza compone una filosofía de la vida basada en las conexiones que se establecen por los afectus, entendidos como lo que me afecta, en definitiva, lo que compone, lo que une. La ética de Spinoza es un plan que denuncia todo lo que separa de la vida; todos los valores transcendentales que se asocian contra la vida, vinculados a las condiciones e ilusiones de nuestra consciencia.

Mesa 10 - 14:00 às 16:00

Nome: José Marcelo Ramos Siviero e Benito Maeso

Título: O sofrimento laboral: uma luz espinosana sobre o cansaço

Resumo: A partir da maneira como Chul-han conceitua o estresse enquanto inimigo interno e neuronal, trata-se de compreender como esse fenômeno pode ser observado como uma evolução do padecimento (pathos) na teoria dos afetos de Espinosa, atualizado para um contexto de trabalho neoliberal. Levando-se em conta a noção de doença neuronal, em contraposição às doenças causadas por agentes externos tal como exposto já no início de A Sociedade do Cansaço, buscamos desenvolver e investigar a dinâmica de trabalho atual, que, baseada na

autoexploração, ultracompetitividade, perfeccionismo irreal e produtividade incessante (sem demanda clara e concreta, dirigida por metas irreais e prêmios incertos), torna o sujeito explorador de si mesmo e, conseqüentemente, causa e efeito da própria tristeza. Sob lentes espinosanas, trata-se de entender essa curiosa e contemporânea causalidade circular. Buscamos relacionar a ideia de imaginação e padecimento com a oscilação constante de operadores como o mérito e o fracasso.

Nome: ONEIDE PERIUS

Título: O conceito de alienação em Marx e sua possível relação com a filosofia de Spinoza.

Resumo: O trabalho é fundamental para a autoconstituição do ser humano. É preciso ter presente esta concepção de fundo para compreender o esforço de Marx em tornar inteligível a situação de alienação que se observa no interior dos processos produtivos nas sociedades capitalistas. O trabalho é capturado para dentro de um circuito abstrato: a lógica do capital. Será determinado pelas leis e necessidades de um sistema de produção de valor e não mais pelas necessidades e anseios dos seres humanos. Este sistema, portanto, desconecta o ser humano da mais fundamental potência que possui para se autodeterminar. O Capital não se mostra mais como produto, mas como produtor. Não mais como efeito, mas como causa. A análise cuidadosa desta categoria da alienação e de sua lógica é o intento deste estudo. Ficarão visíveis, assim pretende o autor, as relações com a filosofia de Spinoza.

Nome: Ricardo Polidoro Mendes

Título: Constituição do sujeito, constituição do mundo: notas sobre a interpretação negriana de Espinosa

Resumo: Um dos conceitos centrais da interpretação que Antonio Negri empreende da filosofia de Espinosa é o de constituição, o qual descreve a operação dos sujeitos pela qual eles, enquanto conatus, superam o existente para construir mais ser em níveis cada vez mais elevados de perfeição. Essa atividade, portanto, é um movimento ontológico pelo qual os sujeitos operam constroem a si mesmos e o próprio mundo. Assim, embora Negri não utilize o conceito de “trabalho” para se referir a essa atividade humana, ele a descreve como uma transformação da natureza em segunda natureza, o que aproxima a constituição da noção de “trabalho” enquanto fazer humano que, em uma relação sujeito-objeto, altera as condições naturais para construir o mundo humano. Assim, pretendemos retomar essa interpretação negriana de Espinosa para investigar o conceito de constituição

e questionar se ele seria a melhor descrição para a operação do conatus na filosofia de Espinosa.

Nome: Viviana Ribeiro

Título: A potência política da imaginação e a criação de comuns

Resumo: Tem circulado nos movimentos negros e feministas uma palavra de ordem comum: a invocação para criação de uma nova imaginação política. Questão esta sempre presente na preocupação dos artistas: a sensibilidade, a percepção e a capacidade de ser afetado aparecem na atualidade política como pressupostos para a possibilidade de criação de um novo modo político, social, econômico e cultural da sociabilidade – voltada para vida e não para exploração, a dominação e a opressão. A proposta deste trabalho é investigar a potência política da imaginação para criação de novos comuns a partir dos estudos realizados por Lorenzo Vinciguerra e a questão da imaginação em Espinosa.

Mesa 11 - 16:30 às 17:30

Nome: Bernardo Bianchi

Título: O espinosismo militante de Louis Althusser

Resumo: A apresentação aborda a valorização do pensamento de Espinosa por Louis Althusser, especialmente entre 1950 e 1969. Esta valorização não se restringe a uma pura consideração da filosofia de Espinosa, mas envolve também a perspectiva do seu uso como instrumento de intervenção política e social, conduzindo a um "espinosismo militante". Na esteira de Jean-Toussaint Desanti, Althusser busca reinventar e aplicar os conceitos de Espinosa em debates políticos de seu tempo. A apresentação foca ainda nos estudos recentes de Jean Matthys e Juan Domingo Sánchez Estop que reavaliaram a interpretação de Althusser do pensamento espinosista, especialmente em relação ao marxismo, sugerindo um caráter normativo em seu uso de Espinosa.

Nome: Juan Manoel Sandoval Rios

Título: La estructura formal de la alienación en Spinoza

Resumo: Haré la siguiente conjetura: cuanto más triviales sean las relaciones interindividuales, más parecerá el comportamiento del conjunto a los elementos

individuales que lo componen como dotado de una dinámica propia que escapa a su control". Así es como el cibernetaista Heinz Von Foerster propuso entender la alienación en 1976. Su conjetura se formalizó en 1987 en la teoría probabilística de autómatas y la teoría de la información gracias a la colaboración de los cibernetaistas Jean Pierre Dupuy y Henri Atlan con el matemático Moshe Koppel. Aunque se han mostrado muchos vínculos interesantes entre la versión formalizada de la conjetura y temas tanto científicos como filosóficos, hasta ahora no se ha discutido explícitamente su relación con la noción de alienación de Spinoza. Esto es lo que pretendo hacer en este trabajo. Procederé de la siguiente manera: primero, presentaré la conjetura y su formalización; luego, presentaré una reconstrucción, basado principalmente en los estudios de Alexandre Matheron, de la noción de alienación en las obras de Spinoza, especialmente en la Ética; finalmente, propondré una interpretación de la formalización de la conjetura en términos spinozianos.

Mesa 12 - 18:00 às 19:00

Nome: Fran de Oliveira Alavina

Título: Apontamentos econômico-filosóficos no Tratado Político de Espinosa

Resumo: A partir do texto Maquiavel: a dimensão econômica do político (1974), Lefort nos aponta que se deve reconhecer, na obra do pensador florentino, "(...) os momentos em que a análise política implica uma visão econômica". Não poderíamos fazer desse apontamento, uma indagação ao texto espinosano: em quais momentos do Tratado Político, as questões expostas implicam a economia? De fato, não são raras as ocasiões argumentativas do Tratado Político, nas quais as razões políticas são também questões econômicas. Escrito antes que a Economia se autonomize da Filosofia Política, é preciso extrair do texto espinosano aquilo que não é apenas de valência política. Tratar-se-ia de elencar quais dimensões econômicas estão implicadas na arquitetura da monarquia e da aristocracia. Haveria um substrato econômico típico de cada uma dessas formas de governo? Tal é a hipótese interpretativa proposta.

Nome: Sebastián Torres Castaños

Título: Spinoza y la utopía

Resumo: Nos proponemos volver sobre el Tratado Político de Spinoza a partir de un interrogante provocador ¿subsiste en la filosofía política spinocista una dimensión utópica? Sabemos que el TP inicia con una crítica a los filósofos y los políticos. No

contaría identificar la crítica hacia los filósofos con una radical objeción hacia el utopismo, que encuentra sus antecedentes en Maquiavelo. En un trabajo anterior hemos intentado esclarecer la crítica spinocista a la "real politik" desde una singular elaboración de un realismo político democrático. ¿Es posible que Spinoza realice la misma operación crítica con la utopía? ¿Es posible que su crítica a las utopías filosóficas no implique un rechazo absoluto hacia un realista impulso utópico democrático? En la línea materialista Maquiavelo-Spinoza-Marx puede reconocerse una explícita y consistente crítica a los utopismos, que requiere ser repensada en un tiempo violentamente distópico, signado por la ausencia absoluta de un porvenir emancipatorio.

Mesa 13 - 20:30 às 22:00

Nome: Cristina Mair Barros Rauter

Título: Reflexões spinozistas a partir do trabalho em psicologia clínica com mulheres afetadas pela violência de estado.

Resumo: A partir de nossa experiência de trabalho clínico de extensão universitária com mulheres que perderam familiares mortos pela polícia, propomos uma reflexão sobre a relação entre ato, luta e potência a partir de Spinoza. A experiência tem demonstrado que a militância e o coletivo são o melhor caminho para manutenção da saúde mental por parte dessas mulheres. Uma certa tradição no campo da psicologia e da psicanálise costuma valorizar a elaboração psíquica em detrimento da ação, opondo pensar e agir. Porém para Spinoza só agimos quando podemos pensar, e só pensamos quando somos autônomos e determinados a partir do nosso conatus. Por outro lado, a vida coletiva é a melhor das estratégias de fortalecimento do agir e do pensar, pois quando estamos juntos melhor podemos superar a tristeza que afeta o corpo e a mente, dessa forma tornando-nos mais capazes de repelir o que diminui nossa potência.

Nome: Lorenzo Vinciguerra

Título: "Soñando un claro laberinto". Disegnare il piano d'immanenza dell'Etica

Resumo: Qual è il piano dell'Etica? Come dobbiamo leggere quest'opera e come di fatto realmente la leggiamo? La domanda circa la sua composizione è stata posta dalla critica che si è spesso interrogata sulla genesi di un lavoro durato non meno di quindici anni. Durante questo tempo sappiamo che il suo piano subì varie modificazioni dall'iniziale progetto in tre parti, fino alla sua definitiva sistemazione

data alle stampe da Rieuwertsz nel 1677. Stando a quello che sappiamo della sua genesi, alcuni hanno ipotizzato che il vero e proprio cuore dell'Etica fosse costituito dalla terza parte dedicata agli affetti, quale ultima risposta e riforma delle Passions de l'âme di Cartesio. Proprio nella prefazione ai Principi della filosofia di Cartesio, Spinoza aveva sottolineato la necessità di una comprensione uno intuito del pensiero dell'autore. Di fatto fino ad oggi l'Etica ha continuato ad essere pubblicata (e letta) in forme molto simili a quella delle Opera posthuma. Tuttavia, gli interni rimandi delle dimostrazioni portano il lettore a passare costantemente da una parte dell'opera all'altra obbligandolo a percorrere il testo secondo vie e percorsi che non siano quelli della sola lettura lineare imposta dalla forma del libro rilegato. La comprensione di quest'opera risiede soprattutto nelle sue riletture. Ci interrogheremo allora sulle diverse figure che essa può assumere sotto gli effetti delle sue riletture alla luce di un altro modo di concepirne e vederne il piano o disegno generale. Così facendo, si intende mostrare quanto la forma geometrica dell'Etica incida sulla comprensione dei suoi contenuti.

Quarta-feira 06/12

Mesa 14 - 8:00 às 10:00

Nome: Homero Silveira Santiago

Título: Edward Said e Espinosa: a filologia humanista

Resumo: Nossa intenção é apresentar e delinear uma convergência e possível relação que, para muitos, talvez soe inusitada: aquela entre a obra de Espinosa e a de Edward Said; sob a perspectiva de um problema muito preciso, qual seja, o método crítico de leitura e análise de textos. Creemos não ser necessário insistir sobre a importância dos textos de Said, cuja obra mestra, o Orientalismo, está na base ou pelo menos no cerne de muito do que há algumas décadas se passou a denominar estudos “subalternos”, “pós-coloniais”, etc. O que realmente nos interessa salientar é que o trabalho de Said, quanto deduzimos de seus textos e também relatos, toma pé num método crítico cujas raízes parecem assentar-se na filologia clássica e que ele mesmo, não por acaso, denomina “humanista” ou “filológico”. Quer dizer, uma das obras mais influentes e inovadoras das últimas décadas, explicitamente, afirma tomar pé numa tradição que remonta ao renascimento e à filosofia moderna clássica, especialmente por meio da inspiração de Giambattista Vico e de Erich Auerbach. O “humanismo”, para Said, é a fonte de um método crítico, uma crítica que, no título de um de seus livros, ele não hesita qualificar de “democrática” – a grande contribuição do humanismo é uma “crítica

democrática”, essencial para o programa de uma política democrática. Dito isso, o ponto preciso que nos abordar é uma menção, feita pelo próprio Said, entre o seu método crítico e a maneira como ele lida com a tradição e o trabalho de Espinosa e a relação deste com a tradição judaica. Ora, numa polêmica em que se vê acusado de uma possível contradição por usar o arcabouço da cultura ocidental para compreender e criticar o modo como o ocidente compreende e estigmatiza o oriente, Said se defende, entre outros argumentos, remetendo a um ensaio de Isaac Deutscher sobre os “judeus não judeus”, isto é, aqueles que souberam fazer um uso não tradicionalista da tradição judaica contra o próprio judaísmo. Said declara ter buscado fazer algo semelhante de acordo com o seu caso, o de um palestino ocidentalizado, usando a cultura ocidental contra ela mesma. Os exemplos de Deutscher são Marx, Heine, Freud e Espinosa – “o principal deles”, segundo Said, sugerindo que o autor do Tratado teológico-político é aquele de que ele mais se sente próximo. Em breve, nossa intenção é compreender essa convergência entre Said e Espinosa, avaliar o seu sentido, o seu alcance e o seu interesse.

Nome: Javier Ignacio Molina Johannes

Título: A crise e a produção da superstição: o tradicionalismo católico chileno nos anos sessenta.

Resumo: Em primeiro lugar, exibimos a noção de crise, de catástrofe, produzida no discurso tradicionalista católico dos anos sessenta funciona para a produção de medo e, conseqüentemente, dela superstição. Principalmente, sob um prisma espinosiano, interessa-nos o discurso de Plínio Corrêa de Oliveira e de seu grupo Tradição, Família e Propriedade, porque prévio ao Golpe de Estado no Chile (1973), eles tiveram forte influência nas direitas chilenas, e depois para toda a sociedade, particularmente através da figura de Jaime Guzmán, o principal continuador ideológico e peça chave dela ditadura. O anterior é para ponderar a noção de contra-revolução que surge na obra pliniana e sua difusão no Chile. Então, apresento uma ideia-força: uma teologização do discurso das direitas políticas chilenas através desta noção de crise. Para isso, como método, ficamos atenção nos passagens do Tratado Teológico-Político e da Ética e nos análises da Marilena Chauí sobre a formação autoritária do Brasil.

Nome: João Pedro Blanco Milani

Título: Linguagem, interpretação e poder: desdobramentos da leitura no Tratado teológico-político

Resumo: A leitura do texto bíblico desenvolvida por Espinosa no Tratado teológico-político incorre no duplo movimento de desestruturação do discurso teológico e dessacralização do poder dos mesmos - tornada possível, esta leitura nos permite desvelar a relação intrincada entre linguagem e poder mediada pelo problema geral da interpretação. Neste sentido, Espinosa propõe um método exegético de leitura que se dimensiona pelo modo de constituição do próprio texto: este método deve se tornar imanente e situar a interpretação em seu campo terminológico e histórico. Com isso, pode-se encontrar as disposições políticas concernentes às modalidades de leitura possíveis, e o teológico-político é o livro que nos permite desdobrar essas tensões. Nossa apresentação visa expor tais problemáticas. Primeiramente, situaremos o problema da linguagem no âmbito geral da obra de Espinosa. Posteriormente, analisaremos os métodos de interpretação propostos pelos teólogos e pelo filósofo - debateremos esta tensão no interior do cerne político que a envolve.

Nome: Mariela Oliva Ríos

Título: “Universidad pública, democracia y feminismo”

Resumo: En la presente ponencia quiero compartir mi experiencia de trabajo en la Universidad Autónoma de la Ciudad de México, principalmente respecto a la defensa del autogobierno desde un análisis spinoziano de la democracia. En los motivos de la Ley de la UACM se plasman los principios centrales de su proyecto educativo y me interesa pensar en clave spinozista los procesos de democratización a los que nos invita dicha Ley. De la mano de dicha experiencia pensar, entonces la necesaria articulación crítica que se abre desde el feminismo para producir prácticas afectivas de democratización. ¿Qué hace falta para defender el autogobierno en las instituciones universitarias públicas? ¿Es la academia una desarticulación de las prácticas democráticas? ¿Qué luchas hacen falta? ¿Qué resistencias? ¿Cuál es el papel de la afectividad en la política universitaria y en la democratización del saber? ¿Cuál es la pedagogía que está ausente? Estas preguntas son las que procuro sentir y pensar en este trabajo y en el marco del Coloquio que nos convoca a pensar colectivamente la Naturaleza, el trabajo y la libertad.

Mesa 15 - 10:30 às 12:00

Nome: ANTONIO GOMES DA SILVA

Título: Método e Verdade no Tratado da Correção do Intelecto, de Baruch Spinoza

Resumo: Esta Comunicação tem como objetivo analisar a relação entre método e verdade no "Tratado da Correção do Intelecto", de Baruch Spinoza. Buscamos compreender como Spinoza concebe o método como "o caminho pelo qual melhor se dirige ao verdadeiro conhecimento das coisas". O estudo é realizado por meio da análise do "Tratado", com destaque para a discussão acerca do método correto para alcançar a verdade e a natureza do conhecimento verdadeiro. O estudo revela que o método correto para alcançar a verdade é intrinsecamente ligado à elaboração de ideias claras e distintas. Isto conduz a "uma percepção em que a coisa é percebida por sua essência unicamente ou por sua causa próxima". Conclui-se que, para Spinoza, o método não é um procedimento exterior ao pensamento, mas uma abordagem rigorosa que conduz à verdade, que requer a superação das influências da imaginação e a adesão estrita a ideias claras e distintas.

Nome: Lucas Damian Scarfia

Título: "Beatitude e propriedade em Espinosa e Fichte. Entre realismo político e idealismo moral"

Resumo: Nesta comunicação, pretendo aprofundar no tema que apresentei em Córdoba no Colóquio do ano passado (2022), a saber: a caracterização que Espinosa faz (1632-1677) do conceito de *beatitudo* na *Ética* (1661-1674) e a descrição de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) do conceito de *Seligkeit* –geralmente traduzido como beatitude-felicidade. Visando uma compreensão adequada do fundamento e das implicações práticas –morais e políticas– desses conceitos em suas filosofias, é necessário explicar a crítica de Fichte ao sistema filosófico de Espinosa como pensamento dogmático e irracional –de acordo com sua exposição nas obras *GWL* (1794-1795); *EE* (1797); *ZE* (1797-1798) e *AP* (1799). De fato, a exposição da crítica fichteana ajuda a compreender o modo como cada um dos filósofos entende a relação entre moral e política –sendo, no caso de Fichte em seu escrito *BB* (1793), a moral o fundamento da política e, em acordo com os desenvolvimentos de Espinosa no *TTP* (1670) e no *TP* (1675-1677), sendo a política o eixo ao redor do qual gira a existência humana, dispensando o papel da moralidade. Se com Fichte nos deparamos com a ideia de uma ordem moral do mundo como a única esfera na qual o homem pode alcançar –no sentido de construir de uma forma constante e inacabada– a felicidade, Espinosa nos refere ao estado civil e à instituição do Estado como a esfera própria para a consecução da *beatitudo*. Ao mesmo tempo, como linha de pesquisa incipiente, pretendo mostrar, a partir dessa base de análise filosófica, como Espinosa e Fichte deduzem o conceito de propriedade (*proprietas-dominium/Eigenthum*) –e, tangencialmente, o conceito de trabalho (*opera/Arbeit*). O esclarecimento dessa questão, por sua vez, favorece a compreensão da liberdade, da igualdade e da justiça como enclaves conceituais dos desenvolvimentos sistemáticos do pensamento dos dois autores, bem como a

extensão em que essas questões podem ser reivindicadas a partir de suas perspectivas filosóficas.

Nome: Paulo Vieira Neto

Título: Uma e a mesma, então uma.

Resumo: Quando Espinosa afirma que a ordem e a conexão das coisas e a ordem e a conexão das idéias é uma e a mesma, ele está querendo implicar que há duas ordens iguais ou que há uma única ordem em duas perspectivas distintas? Além disso a ordem das coisas, na medida idéias são coisas a mesmo título que as demais coisas, já não continha com parte a ordem das idéias? Primeiro teremos uma única ordem se respeitarmos a sequência das causas eficientes imanentes que geram umas coisas das outras segundo uma sequência causal (e, com efeito, o intelecto conhece da causa para o efeito). Depois a ordem das ideias enumera a ordem das coisas tanto quanto podemos usar números pares para enumerar todos os números naturais porque, no infinito, pode haver partes de mesma magnitude que o todo -- 'ordem' é um termo que designa um ente de razão...

Mesa 16 - 14:00 às 16:00

Nome: Braulio Rojas Castro

Título: El materialismo político en Spinoza y su traza latinoamericana

Resumo: Esta ponencia aparte de relevar algunos usos conceptuales del materialismo en Spinoza en Latinoamérica nos centraremos sobre todo en una figura: Marilena Chaui, intelectual brasileña de enorme influencia en la política de este país latinoamericano y una pensadora radical del spinozismo.

Nome: Cristian Andrés Tejeda Gómez

Título: Occursus: para una definición del materialismo spinozista

Resumo: Proponemos cuatro directrices que nos ayudarán a definir un materialismo spinozista al cual daremos el nombre de materialismo occursivo. Tenemos una

primera directriz negativa: el materialismo de Spinoza no parte por el cuerpo. Una segunda directriz no aceptar a la materia como el único elemento o componente de la naturaleza. El entedimiento también lo explica. Una tercera directriz es la noción de encuentro (occursus). Occursus refiere a cualquier encuentro determinable en la naturaleza; pero su determinación sería imposible sin considerar la potencia efectiva que imprime un cuerpo sobre otro (y una idea sobre otra). La cuarta directriz se desprende del concepto de potencia (potentia) que define a toda la naturaleza y sin el cual no podrían pensarse los encuentros, las cosas, la subjetividad, lo social y lo político como un proceso en continuo desarrollo (Spinoza, 2011).

Nome: PEDRO AUGUSTO DINELLI GARCIA CRUZ

Título: CLÍNICA POLÍTICA EM ESPINOSA

Resumo: Clínica política é uma construção coletiva que busca apresentar reflexões e práticas oriundas da psicologia em uma perspectiva transdisciplinar. Neste sentido, intervenções na clínica envolvem invenções de vida, implicadas em transformações nas condições de ser e estar no mundo. Dentre as oportunidades teóricas fundamentais para a referida práxis encontramos a filosofia de Espinosa. Em seu empreendimento, existem múltiplos conceitos e possibilidades de operação destes no exercício do cuidado característico da prática profissional. Neste estudo é exposto a partir do Tratado Político, compreensões acerca da natureza humana, da potência, dos afetos, do exercício político, da possibilidade racional e constituição da vida coletiva. Tais conceituações possibilitam a construção de dispositivos e estratégias clínicas capazes de romper com normatizações instauradas na vida social e que contribuem na manutenção dos sistemas de opressão e sofrimento psíquico, com isso, também se expressam como modos de resistência e exercício de criação de trajetórias de vida singulares.

Nome: Vicente Montenegro

Título: Hegel o Spinoza... en Althusser. Itinerario de un problema

Resumo: Si bien Althusser nunca dedica una obra exclusiva a Spinoza, es conocida la importancia estratégica que tiene el filósofo holandés en la producción de algunos de los conceptos más representativos de su teoría: la causalidad estructural, la materialidad de la ideología, una teoría de la producción de conocimientos, entre otros. Igualmente conocida es la imagen de Althusser como uno de los principales representantes del “anti-hegelianismo” que, junto a Foucault y Deleuze, configura el

“momento” de los años 1960 de la filosofía francesa. A partir de tres estudios recientes (Matthys 2023, Sánchez 2022, Vuillerod 2022), en esta ponencia me propongo reconstruir algunos de los nudos críticos en los cuales la producción teórica de Althusser se ve determinada por una negociación constante entre Hegel y Spinoza, o bien, por una necesidad de decidir entre Spinoza (para corregir Hegel), y Hegel (para completar Spinoza), conflicto o encuentro que marca el itinerario de Althusser

Mesa 17 - 16:30 às 17:30

Nome: André Felix Ferreira

Título: As Forças Psicológicas e a Natureza dos Afetos - Uma Leitura de Kurt Lewin à Partir de Spinoza

Resumo: A teoria de campo de Kurt Lewin procura estudar a dinâmica das forças psicológicas, entendidas à partir do conceito de Espaço de Vida (Lewin, 1973). Este conceito implica sempre a relação de um indivíduo com seu ambiente em variação contínua e dinâmica. Pretendemos fazer uma leitura desse autor à luz da parte III da Ética de Spinoza. Existem ecos entre a psicologia de Lewin, onde a pessoa é perpassada por forças internas e externas, e a Ética, onde temos a potencia do indivíduo, no seu esforço de perseverar e a relação com as afecções e os afetos. Essa dinâmica nos dois autores pode deduzir uma psicologia ligada à orientação dos afetos e a variação de seu regime, como atuação de vetores diferenciais de afirmação continuada da potência. Tomamos aqui a perspectiva de Bove (2022) que fala de uma estratégia do conatus, onde há espaço para determinação e desejo.

Nome: Cátia Cristina Benevenuto

Título: Uma ética para viver bem- Breves apontamentos entre a filosofia de Espinosa e a tecnologia de Yuk Hui

Resumo: Espinosa articula uma visão da ética profundamente ancorada na razão, esquadrinhando o intrincado mundo das emoções e paixões com a aspiração de conduzir os indivíduos à verdadeira liberdade. Em contrapartida, Yuk Hui dirige seu foco ético para as intrincadas interações entre tecnologia e condição humana. Embora abordem questões éticas de perspectivas distintas, ambos os filósofos estão imbuídos na missão de elaborar uma "ética para o bem-viver". Espinosa enfatiza a importância crucial de entender nossas emoções como um "pré-requisito"

para uma vida alinhada à razão, enquanto Hui examina os efeitos transformadores da tecnologia em nossa razoabilidade e emoções.

Mesa 18 - 18:00 às 19:00

Nome: Matheus Romero de Moraes

Título: Os direitos que a natureza nos deu e a condição comum dos homens: La Boétie encontra Espinosa

Resumo: Os estudos acerca do problema da servidão voluntária sob uma perspectiva espinosana usualmente procedem através da aproximação entre certos fragmentos da obra de Espinosa – em especial a formulação do Prefácio do TTP acerca dos homens que, sob certas condições, combatem por sua servidão como se fosse por sua salvação – e o problema geral elaborado por Etienne de La Boétie em seu *Discurso da Servidão Voluntária*. Esse expediente comparativo, no entanto, comporta certas dificuldades: se consideramos o problema nos moldes propostos por La Boétie, encontramos uma série de pontos de resistência conceituais quando o observamos de um ponto de vista espinosano. Nesse sentido, é interessante notar que a mesma estratégia de aproximação entre os autores é comumente utilizada por aqueles que negam a existência de um tal problema no pensamento de Espinosa; e os argumentos que sustentam essa negação são precisamente as incompatibilidades conceituais entre os dois filósofos. De tal maneira que a consideração acerca da existência de um problema como o da servidão voluntária na filosofia de Espinosa parece necessitar de uma ‘limpeza de terreno’, isto é, da determinação clara dos termos nos quais esse problema pode ser considerado no interior do sistema espinosano. Com isso em mente, o texto a ser apresentado no Colóquio se propõe a dar o primeiro passo de uma pesquisa mais ampla acerca das incompatibilidades – e, por conseguinte, também das compatibilidades – conceituais entre os dois filósofos. Para tanto, buscaremos confrontar três determinações naturais do homem fornecidas por La Boétie com o seu equivalente nas obras de Espinosa.

Nome: Mauricio de Albuquerque Rocha

Título: Um jurista antissemita contra Spinoza

Resumo: Os enunciados de Carl Schmitt sobre Spinoza acompanham a intensificação de sua retórica contra a República de Weimar, em um crescendo a partir de 1933, quando ele adere à ditadura nazista, desfruta de posição dominante como jurista e contribui ativamente para o processo de exclusão dos judeus da vida pública na Alemanha. Após a guerra, quando foi preso, interrogado em Nuremberg e teve suas atividades docentes definitivamente suspensas, as referências a Spinoza retornam nos diários do detento Schmitt, com grande desinibição dos tons antissemitas. O que leva seus críticos a propor uma revisão da sua obra, antes e depois de Weimar, como um “documento histórico” do antissemitismo que anima seus filosofemas – que foram, e ainda são, as expressões da degeneração do direito por ele perpetrada em suas estratégias de justificação do injustificável.

Quinta-feira 07/12

Mesa 19 - 8:00 às 10:00

Nome: Carlos Eduardo Fraga da Silva

Título: Drogas: Liberdade ou Servidão?

Resumo: Como afirma Deleuze, Spinoza faz uma filosofia prática. Nesta comunicação, utilizaremos conceitos do filósofo holandês como instrumento para compreensão de um grave problema: a dependência de drogas. Sua teoria dos afetos é uma ferramenta precisa para compreender a produção subjetiva de um desejo (*Ética III, DA I*) excessivo por drogas psicoativas. Utilizaremos seu método (ordenado geometricamente) de definição pela causa genética (*Correspondência, carta 9*) para definir a drogadição. O momento em que o uso se torna perigoso por impedir a afecção pelo múltiplo e simultâneo (*Ética IV, 38*) se fechando em uma *titillatio* (*Ética IV, 43*) do próprio sistema-perceptivo. Definiremos a drogadição por sua causa genética: investimento do desejo no sistema perceptivo em detrimento de outros objetos. Depois, deduziremos as conseqüências desta definição na criação de novos caminhos para a clínica das toxicomanias e para as políticas públicas na área.

Para se entender a diferença entre o simples uso e a dependência de drogas é preciso se compreender claramente a diferença entre alegrias passivas e ativas. Na alegria ativa, nossa natureza é causa adequada da alegria, já nas alegrias passivas, nossa natureza é apenas causa parcial da alegria. Na alegria passiva, existe uma

dependência maior da causa externa. Muitas das alegrias dos seres humanos são passivas. Porém, quando essas alegrias passivas são muito parciais (*titillatio*) podem gerar afetos excessivos que impedem a afecção pelo o múltiplo e simultâneo (*Ética IV, 38*).

A dependência de drogas é causada por uma alegria passiva e muito parcial, uma *titillatio* que gera um afeto excessivo: a compulsão por drogas. E, como afirma Spinoza na *proposição XLIII da parte IV*, uma alegria muito parcial (*titillatio*) pode ser má justamente pelos afetos excessivos que causa. A drogadição será definida então como um tipo específico de *titillatio*. A droga psicoativa atua apenas sobre uma parte do corpo, aquela ligada ao sistema-perceptivo, e a potência deste afeto supera outras ações do corpo no caso da dependência. O desejo se fixa no sistema-perceptivo causando a impossibilidade do corpo ser afetado de múltiplas maneiras. Essa seria a diferença entre um uso afirmativo da vida e da própria potência, que se abre a novas conexões, e a dependência, que fixa o desejo na repetição compulsiva do uso. Assim, definiremos a drogadição por sua causa genética: *desejo fixado na alteração da percepção em detrimento de outros objetos*.

Nome: Luisa Leite Paciullo

Título: As noções de *sui juris/alterius juris* na filosofia de Espinosa

Resumo:

Nome: Luís César Guimarães Oliva

Título: As bases ontológicas da liberdade de opinião no Tratado teológico-político.

Resumo: O objetivo da comunicação é explorar a noção de liberdade enquanto parte da essência intransmissível do *conatus* humano. Não estamos falando da plena liberdade do sábio, que poucos têm, mas de uma liberdade de pensar conforme seu próprio engenho, sua própria índole, e não apenas conforme o engenho do soberano, ainda que este tenha o poder de definir o que é justo e piedoso. Examinaremos as bases ontológicas deste tipo de liberdade, bem como suas consequências políticas tal como apresentadas no capítulo final do Tratado teológico-político.

Nome: Pedro Vasconcelos Junqueira de Gomlevsky

Título: O que é uma ação livre?

Resumo: O objetivo dessa comunicação será responder à questão de seu título: "O que é uma ação livre?". Como veremos, as ações livres são aquelas determinadas exclusivamente pelas leis naturais daqueles que as praticam. Ora, agir conforme suas leis naturais é agir conforme a virtude e isto equivale a agir segundo a essência. Portanto, para compreender a ação livre devemos compreender quais ações podem seguir-se exclusivamente de nossas essências. Considerando os dois sentidos de essência presentes na Ética, veremos que a ação livre consiste na produção de ideias adequadas por nossas essências atuais. Essas, ao se modificarem, reproduzem na duração a conexão que nossas essências formais guardam com seus próprios na eternidade. Assim, ao fim dessa apresentação, a ação livre aparecerá como a produção das noções comuns, próprios de nossas essências atuais, que aumentam nossa capacidade de afetarmos e sermos afetados. A liberdade dos modos finitos se realiza como alegria adequada.

Mesa 20 - 10:30 às 12:00

Nome: Felipe da Silva Lopes

Título: Contribuições espinosanas para pensar a atuação do poder teológico no século XXI.

Resumo: Este trabalho prefigura analisar a pertinência e validade na retomada das contribuições de Espinosa pela análise do poder teológico como braço estratégico nas demandas políticas postas de um período de florescimento do reacionarismo e moralismo pelo mundo. No Brasil não é diferente. A forte atuação das Igrejas passou a esmagar o imaginário popular, intensificando um processo de estreito fundamentalismo alienante, operando como um grupo político organizado com escopo de multiplicar suas riquezas e ordenar a conjuntura política a seus fins. A esfera de dominação econômica tem um alto impacto nesse novo modelo de atuação das igrejas evangélicas, dos quais são detentoras de importantes meios de comunicação, demonstrando, dia após dia, um cenário de violência e pânico social. É a partir do medo de um momento caótico que a Igreja arrebatava mais seguidores, distribuindo doses seguras de esperança, promovendo homogeneidade entre fiéis, valendo-se do fundamento moral útil no estrato político.

Nome: Francisco de Guimaraens

Título: Auxílio mútuo, direitos e propriedade no TTP e no TP.

Resumo: A noção de auxílio mútuo possui papel importante no pensamento político de Spinoza. Essa noção, presente também na filosofia política de Hobbes, apresenta aspectos singulares que permitem a Spinoza conceber o processo de instituição dos direitos e a formação do Estado, divergindo da perspectiva hobbesiana que entende ser o medo a grande razão da conservação da sociabilidade e que concebe os direitos a partir do que a lei não coíbe. Portanto, é justificável e necessário investigar a aposta spinozana no auxílio mútuo, noção presente tanto no TTP quanto no TP. O objetivo do trabalho a ser apresentado no colóquio será analisar a relação entre o auxílio mútuo, a instituição dos direitos e a organização da propriedade. Quanto a essa última questão, trata-se de um tema ainda a ser elucidado, na medida em que Spinoza apresenta, no TTP e no TP, diferentes modos de organização da propriedade.

Nome: Douglas F. Barros

Título: Religião e alteridade: entendendo um pouco mais o exclusivismo da religião judaica no Tratado Teológico-Político

Resumo: O objetivo da apresentação é avançar nossa pesquisa acerca do tema da exclusão própria dos hebreus em relação às demais religiões, tal como analisada por Espinosa no TTP. A intenção aprofundar os elementos pelos quais o filósofo identifica o modus operandi da teologia política, a saber, de criar o especial. No caso dos hebreus, de nos fazer crer que esse povo se considere peculiar em relação aos demais povos. A consideração da especialidade nada mais é do que a afirmação de critérios pelos quais os hebreus excluem a si com relação aos demais. Pretendemos investigar se esses elementos constituem o que o estudioso do judaísmo chama de instituição da religião como contra religião. A metodologia de trabalho será a investigação teórica, leitura analítica e interpretação de textos relacionados ao tema. Como conclusão pretendemos apresentar a exclusão como ferramenta operativa da efetivação de certa vertente da teologia política ou da soberania na contemporaneidade.

Mesa 21 - 14:00 às 16:00

Nome: Joana camelier e Angelica Pizarro

Título: Uma acuidade para a construção de novas sensibilidades

Resumo: Este trabalho parte de nossas experiências clínicas, nas quais se destaca a relação com aqueles que atendemos. Bem sabemos que a clínica, atualmente operando majoritariamente na liturgia do pragmatismo, é um dispositivo altamente capturável pelo projeto neoliberal, sendo assim, nossa aposta é buscar frestas que nos permitam acessar signos que vão no contrapelo do senso comum constituído de hábitos e de memória individuais e histórico-sociais. Pretendemos, portanto, pensar uma nova sensibilidade fora dos cânones da experiência possível, cuja referência é o sujeito já constituído a priori e não aquele que se constitui no dado ou na experiência real. Sob uma inspiração spinozana, sugerimos que tal sensibilidade pode ser produzida, dentre outros, no encontro clínico, uma vez que, no tear desse último, um campo de afecções e de afetos, bem como sujeito-terapeuta e sujeito-paciente, se constituem.

Nome: Daniel Santos da Silva

Título: A educação política e as possibilidades da imanência

Resumo:

Nome: Leon Farhi Neto

Título: Valor e desejo: ex labore ad libidinem

Resumo: Na moral imperial, liberdade se faz com trabalho. É moralmente lastimável, portanto, que “para longe do trabalho, os humanos se inclinam ao prazer” (TTP XVII). A interpretação spinozista desta máxima revela que a quantidade de energia destinada ao prazer (libido) se subtrai àquela destinada à conservação do império (labor), e que os humanos, por natureza, tendem ao prazer, mas apenas enquanto o labor se acompanha de dor. A máxima, então, não é uma verdade eterna; sua validade depende da situação histórica. Os impérios hierárquicos envolvem labor odiado. Aí, inclinar-se ao prazer – na preguiça, na libertinagem – expressa a resistência dos trabalhadores. No entanto, na experiência

neoliberal, apesar da extrema desigualdade, labor e libido não se opõem. Os súditos trabalham com prazer. Imaginam o trabalho como empreendimento de si mesmos. E o empreender, como a expressão por excelência da liberdade individual. Para entender isso, faremos uma análise da relação valor-desejo.

Nome: Marcos Ferreira de Paula

Título: O trabalho eterno do Isso (Id) infinito: Espinosa, Freud, Marx

Resumo: Espinosa elaborou o conceito de atributo como "isso [id] que o intelecto percebe como constituindo" a essência da Substância absolutamente infinita. Atributos são essências atuosas, os modos de produção das essências particulares, esses produtos do trabalho eterno da Natureza. Mas a Natureza (Substância ou Deus) não faz, não age e não produz enquanto sujeito movido por alguma finalidade interna ou externa: tudo o que ela é e faz, ela é e faz enquanto Isso, Id, força produtiva anônima e impessoal: "Por substância entendo isso [id] que é em si e é concebido por si...". O que vai ser proposto, em nossa comunicação, é a ideia de que o conceito de Natureza, em Espinosa, permite compreender de forma ampliada tanto o conceito de Id, em Freud, quanto a noção de trabalho, em Marx.

Mesa 22 - 16:30 às 17:30

Nome: Gabryela Schneider Gonçalves

Título: A educação dos afetos: diálogo entre Aristóteles e Espinosa

Resumo: O intuito desta comunicação é fazer um diálogo entre as propostas de educação dos afetos de Aristóteles e Espinosa. A questão dos afetos na história da filosofia sempre ocupou um papel significativo. Comumente colocados em oposição à razão, aprendemos com a tradição filosófica que as paixões sofridas pelo nosso corpo tendem a nos desviar do caminho da razão e, por isso, devemos aprender a dominar os afetos a fim de nos libertarmos da escravidão a que estamos suscetíveis devido às necessidades do corpo. A proposta do trabalho é analisar como esses dois filósofos utilizam a razão como um meio possível para a educação dos afetos. No caso de Aristóteles, devemos estabelecer uma relação entre razão e desejo; em Espinosa, devemos entender a causa dos nossos afetos e, viver sob a condução da razão, aumentando, tanto quanto possível, nossa potência.

Sabemos que Aristóteles é um herdeiro da filosofia platônica, apesar de ter muitas críticas ao seu mestre. Uma delas é a contraposição com a ideia socrática de que quando temos o conhecimento verdadeiro sobre algo, não agimos contrariando tal conhecimento, isto é, a razão. No diálogo *Protágoras* de Platão, vemos que Sócrates rebate a tese comum de que o conhecimento na maioria das vezes é arrastado pelos desejos humanos e de que nada vale frente a uma paixão. Fazendo uma comparação com a tese socrática, Aristóteles observou que não é correta a concepção segundo a qual não há conhecimento na ação inadequada de um agente. Para o estagirita, o intelecto prático funciona a partir de representações sensíveis e, portanto, somos levados a agir em vista de satisfazer um desejo que em alguma medida aparenta ser bom, podendo corresponder ou não ao verdadeiro bem. Veremos, a partir disso, qual o papel da educação dos desejos nesse jogo e por que a razão sozinha não basta para agirmos de acordo com o verdadeiro bem – embora ela ainda seja priorizada pelo filósofo.

Em sentido distinto está o pensamento de Espinosa acerca da educação dos afetos. Para o filósofo holandês, não existe afeto que não envolva conhecimento e vice-versa. Quando pensamos em educação dos desejos em Espinosa devemos entender que os desejos se seguem de uma necessidade da Natureza, são determinados a existir pela necessidade da Natureza divina e operam de certo modo. Por isso, não são contingentes como nada na Natureza é-, visto que são determinados a existir de uma certa maneira e a produzir certos efeitos. Por meio da educação podemos passar a ordenar os nossos afetos segundo a ordem necessária da natureza e, nessa medida, nos tornarmos capazes de conhecer os desejos passivos e transformá-los em desejos ativos – operando para o aumento de nossa potência de agir.

Nome: Guillermo Raúl Ricca

Título: Spinoza, antipedagogo: los signos y el 'obsequium'

Resumo: En continuidad con la ponencia presentada en el XVII coloquio en Villa Giardino (Córdoba), en la que abordamos el tema del obsequium desde una perspectiva ética y antropológica, nos interesa aquí indagar en nuestro tema en relación a la semiótica de Spinoza y sus consecuencias para pensar una

antipedagogía. Para ello nos serviremos de los estudios de Gilles Deleuze, de Pierre F. Moreau y de Lorenzo Vinciguerra

Mesa 23 - 18:00 às 19:00

Nome: Fernando Bonadia de Oliveira

Título: Infância, servidão natural e liberdade adquirida

Resumo: A *servidão*, impotência humana para moderar os afetos, e a *liberdade*, a potência humana de viver e agir por uma disposição interna não são, para o filósofo Bento de Espinosa, duas situações absolutas. Conforme salienta Homero Santiago, entre elas “há diferença decisiva de grau, proporção, não de natureza”¹. Podemos distinguir duas formas pelas quais a servidão aparece no pensamento espinosano: (1) como servidão natural, na qual o indivíduo, pela própria condição humana, depende das coisas que estão fora dele, e (2) como servidão reforçada, isto é, como impotência que nele é reafirmada por alguma ação exterior que se exerce contra ele. A liberdade, igualmente, pode ser pensada (1) como a liberdade natural que o indivíduo experimenta desde que esteja vivo, e que se estende até onde alcança sua potência natural, e, ao mesmo tempo, (2) como a liberdade adquirida, que ele conquista enquanto mantém certo modo de viver capaz de aumentar necessariamente a sua potência e de levá-lo a ser cada vez mais internamente disposto.

A infância, segundo Espinosa, é um modelo de servidão natural, pois o recém-nascido chega ao mundo dependente ao máximo das coisas exteriores e quase totalmente incapaz de moderar por si mesmo seus afetos; porém, é também um modelo de liberdade adquirida, pois por meio do desenvolvimento do corpo da infância para a vida adulta, conseguimos ver como o gênero humano transita da impotência para potência, ou seja, da servidão natural a uma liberdade adquirida. Não é só isso: a partir da maneira pela qual o filósofo concebe a infância, podemos, ademais, entender como agimos quando somos guiados pela liberdade natural e, simultaneamente, como padecemos quando em nós é reforçada a nossa natural condição de viver *alterius juris*.

As crianças são, em suma, um exemplo de como se dão em nós os trânsitos de potência, pois o corpo delas está em contínuo dinamismo e em constante transformação. Desse mesmo princípio, ou seja, dessa mesma propriedade da natureza humana (a de transitar incessantemente) pode derivar tanto a servidão como a liberdade. A imitação dos afetos (o fato de bebês rirem ou chorarem ao verem outras pessoas rindo ou chorando) explica como estamos, desde o berço, naturalmente propensos a buscar fora de nós o princípio da nossa própria ação,

¹ Santiago, Homero. *Entre servidão e liberdade*. São Paulo: Politeia, 2019, p. 19-20.

mas também evidencia os caminhos pelos quais conhecemos como funcionam as coisas fora de nós, a fim de que possamos lidar com elas do modo com que mais nos convêm. Os corpos infantis são modelos de transição, enfim, porque mudam muito rapidamente e a olhos vistos.

A história canônica da pedagogia situa no século XVIII, com o *Emílio* de Rousseau, a descoberta da tese pedagógica segundo a qual nunca há uma criança, mas sempre inúmeras crianças diferentes em cada passo do desenvolvimento de uma mesma criança. Os cânones sustentam também que só com a obra dos pedagogos do século XIX (Pestalozzi, Herbart e Froebel) passamos a pensar, além da necessidade de oferecer atividades específicas para cada fase da infância, a exigência de adequar a dose das atividades a cada corpo infantil singular.

O intuito da apresentação consiste em explicitar como a filosofia de Espinosa, ao tratar a infância como modelo de passagem de um estado em que prepondera a servidão natural a outro em que prepondera a liberdade adquirida, demonstra – podemos dizer, em ordem geométrica – esses dois achados frequentemente reputados aos pensadores do século XVIII em diante.

Nome: Victor Fiori Augusto

Título: EDUCAÇÃO, LIBERDADE E OBEDIÊNCIA: CRÍTICA A UMA PROPOSTA NEOLIBERAL PRETENSAMENTE ESPINOSANA

Resumo: A proposta desta comunicação é criticar a tese defendida por Johan Dahlbeck no texto “Spinoza on the Role of the State in Education” (2019). Segundo Dahlbeck, o papel que se atribui ao estado na educação depende da forma como entendemos o estado e(m) sua relação com os cidadãos. O autor apresenta duas interpretações opostas sobre o que seria propriamente o estado numa perspectiva espinosana: de um lado, o estado é concebido como um indivíduo em sentido literal, isto é, como um indivíduo coletivo constituído por indivíduos humanos, sendo a vontade daquele constituída pela vontade destes; de outro lado, o estado é encarado como um indivíduo em sentido metafórico, o qual, não sendo literalmente um indivíduo, não teria uma vontade propriamente dita.

A primeira interpretação teria como consequência uma visão coletivista do estado, para a qual a educação pública é um instrumento positivo de cultivo da liberdade dos cidadãos e, conseqüentemente, do indivíduo coletivo que eles constituem. Já a segunda forma de encarar o estado acarretaria uma interpretação individualista, que enxerga a educação pública como um instrumento para obtenção de obediência ao comportamento socialmente aceito, a fim de que indivíduos privados possam, em segurança, se dedicar ao esclarecimento. É esta última posição acerca do estado e do seu papel na educação que Dahlbeck defende em seu texto, posição esta que, lida à luz do atual contexto político e educacional brasileiro, conforme explicitaremos, soa-nos não espinosana, mas neoliberal.

Em nossa argumentação, procuraremos mostrar de que maneira concebemos o corpo político em Espinosa como uma coisa singular ou um indivíduo de maneira não metafórica, recorrendo especialmente à parte II da *Ética* e à pequena física que ali se encontra. Notaremos, todavia, que mesmo uma interpretação metafórica do estado em Espinosa não implica necessariamente a defesa de, por um lado, uma educação pública para a obediência e, de outro, uma educação privada para a liberdade. Tal defesa resulta da inadequação da leitura que Dahlbeck faz do *Tratado político*, VIII, art. 49, já que ele considera apenas o trecho inicial do artigo em questão e ignora sua sequência, que parece justamente solapar sua tese.

Recorreremos também pontualmente a comentários que abordam o problema da educação em Espinosa, a fim de evidenciar a concordância existente nessa tradição interpretativa em apontar para uma educação de inspiração espinosana como algo que visa a liberdade de quem é educado, e não a coerção ou cerceamento de seu engenho, ponto que cremos ser comum a Dahlbeck e ao discurso neoliberal sobre a educação. Nesse sentido, ao realizar nossa crítica do texto de Dahlbeck, intentaremos praticar um contradiscurso no sentido em que Marilena Chaui define esse conceito, isto é, como “um discurso que se elabora na medida em que abala a positividade do discurso instituído desvelando o não senso que o sustenta”[1].

[1] Chaui, Marilena. *Contra a servidão voluntária*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 137.

Sexta-feira 08/12

Mesa 24 - 8:00 às 10:00

Nome: Carlos Mario Fisgativa Sabogal

Título: Trazar y ser trazado: la inscripción de los signos en la naturaleza

Resumo: Entre las discusiones contemporáneas acerca de la obra de Spinoza está el abordaje de la imaginación, del signo y la posibilidad de una comprensión semiótica de la naturaleza y la ontología. Filippo Mignini y Lorenzo Vinciguerra aportan en esta línea. Para plantear la discusión, en primer lugar, abordamos el rol de la imaginación en relación con los cuerpos, las imágenes y el lenguaje, en tanto

condición necesaria para la trazabilidad de los cuerpos. Luego, se revisa el aspecto semiótico de las trazas, para mostrar que el pansemiotismo es el aspecto cosmológico o general de la trazabilidad de los cuerpos, así como condición de una escritura inmanente de la naturaleza, de una cosmografía. Desde tal lectura, el recurso a los signos no sería algo excepcional de lo humano, dado que corresponde con la trazabilidad de los cuerpos que sigue las leyes de la naturaleza. En el libro II de la *Ética* se analizan las condiciones en que es posible para el hombre el conocer. Allí se enuncian y se desglosan los tres modos del conocer. La imaginación y el lenguaje corresponden con el primer género de conocimiento, el cual otorga ideas inadecuadas. Podría pensarse que la imaginación es fuente de error y confusión y por ende, debe ser descartada del proceso de conocimiento. Sin embargo, es posible revisar su valor y función para esclarecer cómo interviene en el pensamiento de Spinoza sobre el lenguaje, las imágenes y las trazas. El conocimiento por medio de signos no es igual a los otros modos de conocer, sin embargo, no es posible prescindir de él. Aunque la imaginación da lugar a conocimientos confusos e ideas inadecuadas, también es la condición de remisión entre signos, del trazar y de la memoria de las trazas. Esto permite reconsiderar el rol de la imaginación como modo de acceso al conocimiento. Las trazas siempre remiten a otras trazas, a la naturaleza del cuerpo trazado y del trazante. Hablar de reenvío supone la conexión y remisión de elementos, de una cadena de trazas, de registros de memoria. No son átomos o elementos con una existencia o significado autónomo, aislables o ajenas a la práctica corporal trazante. La traza no es ni corpórea ni incorpora, también es indispensable para que tengamos ideas, algunas de las cuales remiten a los cuerpos. Aunque la traza no es idea y no es imagen, remite a ambos, implica la doble referencia: a lo corporal y al pensamiento, dado que la traza es el registro de la afección entre los cuerpos. Entonces, la traza es relacional, índice y siempre reenvío, nunca un elemento aislado. Pensar una semiofísica o una cosmología de la traza supone que el encadenamiento de trazas y la imaginación no son exclusivas de lo humano, sino que remite a una trazabilidad infinita del universo. Este desplazamiento radical tiene que ver con el descentramiento de lo humano frente a las leyes de la naturaleza. De hecho, en la antropología de Spinoza sólo se puede entender al hombre como parte de un orden causal que no domina, en un orden de individuos singulares o cosas que no giran en torno a él ni responden a sus fines, mucho menos a los que un Dios habría puesto en la naturaleza.

Nome: Cuauhtémoc Gómez Calderón

Título: Conatus y Destrucción. Apuntes políticos.

Resumo: Alexandre Matheron considera el libro III de la *Ética* y específicamente el concepto de 'conatus' como el punto de partida en el proyecto intelectual de Baruch Spinoza (*Individu et Communauté*, p. 9). En la medida en que se abre una teoría de los afectos, una teoría política y una ética como práctica de vida. Cuando nos

acercamos a la definición de este concepto, 'conatus', observamos que estratégicamente se encuentra en el interior de un plexo de proposiciones entre III, 4 hasta III, 11. El énfasis que se encuentra aquí casi siempre recae en el "esfuerzo por perseverar en el ser". Sin embargo, una noción que acompaña este esfuerzo es la de 'destrucción', que se abre precisamente en III, 4: "ninguna cosa puede ser destruida sino por una causa exterior". Conatus y destrucción están irremediabilmente entrelazados en la nervadura de las cosas singulares. No obstante, surgen algunas dudas. ¿En qué momento o lugar se define ese "exterior"? ¿Puede ser la destrucción algo afirmativo en las cosas singulares? ¿Cuál es el umbral que no podría cruzarse entre una "descomposición virtual" y una "descomposición real" (tomando el léxico de Balibar)? ¿Qué implica en términos políticos el paso de este plexo de proposiciones en el registro ontológico hacia un cuerpo singular como es el cuerpo político nunca plenamente integrado, siempre en cierto grado de conflicto? ¿Se puede afirmar la destrucción de un 'imperium' como algo que favorece a su propio conatus? Sería la línea exploratoria de la presente comunicación.

Nome: Daniela Mordoch

Título: A moderação dos afetos e a Liberdade nas partes IV e V da Ética de Espinosa

Resumo: Este projeto busca responder a um problema fundamental que é desdobrado principalmente nas partes IV e V da Ética de Espinosa, a saber: se estamos sempre necessariamente envolvidos pela força das paixões, como moderá-las, reduzi-las, remediá-las? Mais especificamente, se um afeto só pode ser coibido ou suprimido por outro afeto contrário e mais forte que ele, seria possível o conhecimento racional travar um embate contra ele? Com isso, pretende-se apresentar a originalidade de Espinosa ao defender uma simultaneidade entre Corpo e Mente através do aprofundamento da relação entre o conhecimento e o afeto, que culminará na Liberdade, uma vez que a Mente, não mais dependendo das causas externas, mas sim por sua própria potência, poderá produzir um conhecimento adequado dos afetos e reforçar aqueles que nos alegram e aumentam nosso conatus.

Nome: Marcelo Couto Feitosa

Título: Em busca do elo perdido: a união da mente com o corpo nos três gêneros de conhecimento.

Resumo: Os “Três Gêneros de Conhecimento” são introduzidos na Ética, a partir do segundo escólio da Proposição 40 da P2, quando Spinoza apresenta um breve resumo esquemático especificando a natureza de cada um dos gêneros, sem, no entanto, apresentar maiores explicações sobre os fundamentos operacionais dos mesmos. A partir desse segundo escólio, observa-se que Spinoza volta a se referir aos “três gêneros” em vários outros trechos da Ética, porém sem jamais abordá-los de maneira isolada, mas sempre quando se encontram relacionados aos temas que estão em desenvolvimento, em momentos específicos, conforme a ordem de demonstração da obra, seguindo nesse método até às últimas proposições, quando Spinoza apresenta uma associação imediata entre o conhecimento de terceiro gênero e o “Amor intelectual da Mente a Deus”, no escólio da Proposição 36 da P5, e na confirmação do terceiro gênero de conhecimento como origem do “Amor a Deus”, apresentado então como a via de acesso à consciência de si e de conquista da felicidade, algo que ocorre na demonstração e no escólio da última proposição da Ética, ou seja, na Proposição 42 da P5, que finaliza a obra. Alguns estudos sugerem que as articulações envolvendo os três gêneros de conhecimento se referem a um “certo modelo específico de teoria do conhecimento”. No entanto, a leitura da Ética indica que essa conclusão pode ser precipitada, uma vez que o texto da obra não faz referência a essa associação imediata. Nesse sentido, é importante observar que Spinoza destaca, no primeiro escólio da proposição 40 da P2, que a exposição de seu método já havia sido apresentada anteriormente, num tratado específico que ele dedicou ao tema – referindo-se claramente ao TIE – e que, portanto, não via necessidade em ser “prolixo” retomando essa questão, na Ética. Além disso, se também considerarmos o fato de que, na Ética, Spinoza está propondo o restabelecimento do elo que havia se perdido em Descartes, primeiro ao afirmar, no corolário da Proposição 13 da P2, “que o Corpo humano existe tal como o sentimos” e depois, no escólio dessa mesma proposição, “que a Mente humana é unida ao Corpo”, é preciso, no entanto, considerar que essas duas propostas trazem consigo uma importante advertência que não pode ser ignorada: “mas também o que se há de entender por união da Mente e do Corpo”. Com o objetivo de buscar novas perspectivas para pensar o desafio lançado pela advertência spinozista, este estudo propõe uma investigação sobre os três gêneros de conhecimento da filosofia de Spinoza, não a partir de sua concepção enquanto uma provável teoria do conhecimento, mas sim enquanto o percurso da Ética em que é demonstrado como acontece a união Mente com seu Corpo, da variação do grau de intensidade em que ocorre essa união e fundamentalmente de como ela se intensifica (ou não), através dos “três gêneros”.

Mesa 25 - 10:30 às 12:00

Nome: Gregorio Demarchi

Título: Spinoza et la crise de la civilisation marchande

Resumo: Un spectre hante la pensée de Spinoza : le spectre de la crise du capitalisme. Bien que ça serait un anachronisme vouloir chercher chez Spinoza une théorie de la crise économique au sens qu'on la trouve par exemple chez Marx, on peut montrer chez Spinoza une conscience aigüe de la potentielle déstabilisation des institutions civiles par les conflits socio-affectifs engendrés par les passions économiques de l'avaritia et de l'invidia. Ces passions peuvent être analysées en tant que formes d'aliénation économique (Matheron). Ils sont une conséquence de l'illusion de l'objectivité des valeurs (E3p9s), qui est source de ces deux types de conflits que Matheron appelle « lutte pour la définition des valeurs » et « lutte pour la possession des objets valorisés ». Spinoza décrit le premier type de conflit comme une conséquence de l'ambition (E3p31s), alors que l'autre éclate au moment où les objets convoités sont des « biens exclusifs » (le contraire des commons), et donc générateurs d'envie (invidia) (E3p32). Quels sont-ils ces « bien exclusifs » ? Dans mon intervention je vais critiquer l'interprétation de Matheron qui, s'appuyant sur certains passages du Traité politique (TP 6.12, 7.19, 8.10), essaye de démontrer que la régulation politique du régime de propriété foncière postulée par Spinoza vise surtout à empêcher la formation d'une classe de propriétaires féodaux. L'accumulation de l'argent serait au contraire favorisée, en raison du fait que l'argent, en tant que reproductible par le travail, amène à une convergence des affects sociaux (TP 7.8). Contre Matheron, je vais essayer de montrer que le concept d'individualisme possessif (Macpherson) nous donne une clé interprétative plus appropriée pour comprendre l'analyse critique que Spinoza fait des passions économiques. La source principale de déstabilisation des institutions civiles n'est pas à rechercher dans l'anarchie féodale, mais bien plutôt dans celle engendrée par la marchandisation et ainsi prolétarianisation complète de la force-travail. Cela entraîne des conséquences autant pour l'interprétation des formes de régulation de la propriété foncière que pour celle de l'accumulation monétaire: 1. Par rapport à ce que Spinoza dit de la régulation de la propriété foncière, je vais montrer que l'horizon historique de l'accumulation primitive et de l'expropriation des classes paysannes de leur commons nous donne une clé interprétative différente de celle de Matheron. Selon cette nouvelle interprétation, Spinoza voit la principale source de conflits sociaux non pas dans les restes du féodalisme mais plutôt dans l'expropriation des paysans, dont la marchandisation et prolétarianisation complète de la force-travail est la conséquence. 2. Par rapport aux dynamiques de l'accumulation monétaire, s'il y a convergence socio-affective, c'est une convergence dans l'aliénation passionnelle universelle dans l'argent en tant que valeur-objectivé-maître (E4app28). Mais cette universalité aliénée n'est qu'une face de la médaille, l'autre étant l'inégalité croissante engendrée par l'accumulation capitaliste. Bien que l'argent soit reproductible par le travail, l'accumulation capitaliste est intrinsèquement dépendante de la prolétarianisation de la force-travail et ainsi source d'inégalités

socio-économiques croissantes. Pour conclure, Spinoza a sûrement une vision très optimiste au regard des dynamiques socio-affectives liées à l'accumulation de l'argent par le commerce et la finance. Il semble penser que la régulation du régime de propriété foncière soit à elle-même suffisante à prévenir la prolétarianisation de la force-travail et à garantir ainsi un régime d'« économie marchande égalitaire ». Au même temps, cet optimisme est hanté par le spectre de la crise. L'égalité relative instituée par la régulation politique est mise en danger par l'accumulation du capital et par les inégalités croissantes qu'elle produit. L'histoire, au plus tard avec la révolution industrielle, se souciera de donner un corps et une voix à ce spectre de la crise qui hante l'optimisme de Spinoza.

Nome: Mariana de Gainza

Título: Una tentativa de pensar spinozianamente los actuales malestares en y con la democracia

Resumo: Nos referimos a nuestra actualidad (latinoamericana, pero también mundial) como una coyuntura muy crítica, en la que se superponen y se acumulan todo tipo crisis (económica, política, sanitaria, ambiental, cultural); una actualidad en la que se condensan una cantidad de problemas irresueltos. La cuestión democrática puede ser señalada como el terreno problemático en el que resuenan todas esas irresoluciones, a la vez que la intensidad y la variedad de los conflictos que atraviesan todos los ámbitos de la vida social desafían las capacidades de las teorías que tratan de pensar la democracia: esas teorías parecen ir vaciándose de sentido y de fuerza explicativa al ritmo en que se deterioran las condiciones generales de la vida social y política. En cuanto no se produce una respuesta eficaz al sufrimiento social resultante de una profundización de la redistribución regresiva del ingreso, a la precarización de las condiciones de vida de las mayorías sociales la acompaña el hecho – experimentado de muy distintos modos por diferentes sectores de la población – de la precarización de la democracia. Y las teorías de la democracia parecen acompañar los rumbos de esta realidad, con su propia precarización conceptual. Considerando la situación crítica que atraviesan tanto la realidad como la teoría democrática, en esta presentación volveremos a interrogar a la teoría política spinoziana, que trata de comprender a la democracia, simultáneamente, como un proceso de constitución de relaciones igualitarias y libres entre los individuos, como un espacio jurídico- institucional en el que se libran una multiplicidad diferenciada de luchas por el reconocimiento de derechos y como una forma de gobierno eventualmente capaz de expresar la potencia de los ciudadanos. Nos preguntamos qué nos aporta Spinoza para un pensamiento contemporáneo de la democracia, si aceptamos la sugerencia del filósofo italiano Mario Tronti de que no hay una “verdadera” democracia, como ideal que quedaría a salvo de sus “falsas” realizaciones”, sino que esas realizaciones son indisolubles del concepto. Así, lidiamos con una “idea débil” de democracia, siempre acompañado por

adjetivos que la califican en un sentido o en otro (democracia liberal, social, progresista, popular, etc.), que revela en todo caso el carácter problemático de la realidad mencionada y el hecho de que el término y su sentido siempre están en disputa.

Nome: VIVIANE MAGNO RIBEIRO

Título: Algumas notas sobre a influência da filosofia islâmica na modernidade inicial: Avicenna, Spinoza e materialismo

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo apresentar, em primeiro lugar e em um sentido mais geral, algumas das possíveis contribuições da filosofia de Avicena (Ibn Sīnā, d. 1037) para os pensadores da chamada "modernidade inicial". Em segundo lugar, e como objetivo mais específico, apresentaremos algumas linhas de aproximação que podem ser trabalhadas entre a filosofia de Avicena e a de Spinoza, realizando, mais especificamente, uma discussão sobre o status ontológico da essência em ambos os autores.